

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

COMPETÊNCIAS DO REGENTE CORAL NA ESCOLA
Relatos de dois regentes de coros de Ensino Médio

MARINA BAIRD DAFLON FERREIRA

Rio de Janeiro, 2011

COMPETÊNCIAS DO REGENTE CORAL NA ESCOLA
Relatos de dois regentes de coros de Ensino Médio

Por

MARINA BAIRD DAFLON FERREIRA

Monografia apresentada para
conclusão do curso de Licenciatura em
Música do Instituto Villa-Lobos,
Centro de Letras e Artes da
Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, sob a orientação do
professor Dr. Eduardo Lakschevitz.

Rio de Janeiro, 2011

FERREIRA, Marina Baird Daflon. Competências do regente coral na escola – relatos de dois regentes de coros de Ensino Médio. 2011. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

RESUMO

Esta monografia surgiu da fusão de um interesse por regência coral e pela formação do regente com a consciência criada ao longo do curso de licenciatura de que uma atividade desenvolvida dentro de um ambiente escolar será necessariamente parte integrante da formação dos alunos para os quais se destina. A pesquisa tem por objetivo investigar e apontar quais são as competências necessárias a um regente coral que pretende trabalhar em uma escola, mais especificamente, com corais de Ensino Médio. Para tal, foram realizadas entrevistas com dois regentes de corais de ensino médio. Com base na leitura da bibliografia e nas entrevistas, foi possível fazer um levantamento dos conhecimentos, habilidades e atitudes aos quais o regente de coral de escola pode recorrer nas diversas situações que lhe são apresentadas ao longo de seu trabalho.

Palavras-chave: regente coral – competência – coral de escola

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1. Metodologia e referencial teórico.....	5
Capítulo 2. Entrevistas.....	13
2.1. Importância da técnica de regência	
2.2. Experiência como cantor	
2.3. Trabalho com adolescentes	
2.4. Aspectos da psicologia	
2.5. Conteúdos musicais formais	
Capítulo 3. Análise dos dados.....	20
3.1 A técnica de regência	
3.2 A consciência corporal	
3.3 A técnica vocal	
3.4 Convencimento	
3.5 O repertório	
3.6 Conteúdos musicais formais	
3.7 O regente como educador	
3.8. Pesquisa constante e visão crítica	
Considerações finais.....	25
Referências.....	26
Anexos.....	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de um interesse pessoal em canto coral e de um certo incômodo em relação a o que o Instituto Villa-Lobos oferece para preparar um aluno que pretende se tornar um regente coral. Tanto o curso de Bacharel em Regência quanto o curso de Licenciatura em Música apresentam em suas grades curriculares algumas matérias relacionadas à regência coral (Regência Coral I e II e Prática de Regência Coral I e II^{1 2}), porém essas poucas disciplinas não se mostram suficientes na plena preparação de um aluno para atuar como regente coral. Isso faz com que um aluno que pretende trabalhar como regente de coral busque fora da Universidade cursos que ofereçam uma preparação mais completa.

Paralelamente, existe uma percepção criada ao longo do curso de licenciatura de que qualquer trabalho desenvolvido dentro de um ambiente escolar precisa incorporar algumas particularidades. Em um ambiente escolar existem aspectos que dão respaldo ao cunho educacional inerente a uma instituição de ensino e ao cuidado necessário ao trabalho com crianças e adolescentes. Isso faz com que um regente de coro de escola tenha que ter uma preocupação que vai além de resultados musicais. Ele deve ter preocupações relacionadas à educação e ao papel de educador que ele passa a assumir.

Dessas duas ideias expostas acima surgiu a opção de restringir uma pesquisa que, a princípio, seria sobre a formação do regente coral, transformando-a em um trabalho sobre as competências necessárias ao regente coral que trabalha dentro de uma escola. Isso passa não só por possíveis demandas relacionadas ao projeto pedagógico da escola, mas também por questões diretamente relacionadas com a faixa etária com a qual se trabalha, com a necessidade de o coral se adequar às datas e prazos da escola e com o setor social para o qual essa escola se destina, entre diversas outras que serão apontadas mais adiante.

Quando se trabalha com adolescentes, por exemplo (como os dois regentes entrevistados), as peculiaridades desta faixa etária devem ser levadas

¹ A matéria Prática de Regência Coral II é oferecida apenas como optativa para ambos os cursos.

² Essas informações são baseadas nos currículos vigentes entre 2007 e 2011.

em consideração. Isso também vale para qualquer outra faixa etária, mas esta pesquisa trata especificamente de trabalhos com adolescentes alunos de Ensino Médio. Sobre essa etapa, a psicóloga e educadora Rita Melissa Lepre afirma:

A primeira ideia que nos surge quando pensamos em adolescência é “transformação”. Alguns autores sublinham as transformações corporais, a chamada puberdade, marcada pelo estirão (crescimento rápido), surgimento de pêlos pubianos, mudança na voz dos meninos, aumento dos seios nas meninas, ebulições hormonais levando à explosão da sexualidade, etc. Outros autores frisam as transformações comportamentais, tais como uma suposta rebeldia, um certo isolamento, um apego exagerado ao grupo, adoção de novas formas de se vestir, falar e se relacionar, além de episódios de depressão, tristeza ou euforia. (Lepre, 2011, p. 3)

Existem também particularidades quanto ao amadurecimento vocal nesta idade. Muitos estão passando pela muda vocal, o que torna a voz mais instável, principalmente no caso dos meninos. Outros ainda tem a voz infantil, o que pode gerar constrangimentos. Segundo a fonoaudióloga Patrícia Neto Pacheco “o processo da muda vocal trás consigo implicações além da alteração vocal em si, que é a questão da imagem vocal. (...)A muda vocal acarreta uma nova voz e isso representa uma nova imagem pessoal.” (Pacheco, 1999, p. 3). Esses tipos de situação fazem do regente de coro de escola um profissional que precisa desenvolver determinadas competências e neste trabalho pretende-se investigar quais são elas.

Como ponto de partida, pode se pensar em uma organização em dois grandes grupos que compõem as competências que um regente coral que trabalha em escola pode precisar. O primeiro é o grupo composto por competências que podem ser vistas como essenciais a qualquer regente coral³, independente do local onde ele desenvolve o trabalho coral ou de possíveis instituições as quais o mesmo possa estar ligado.

O segundo engloba aquilo que se torna importante justamente pelo fato de o trabalho se desenvolver em uma instituição de ensino e, mais especificamente, em uma escola. Neste momento, é importante destacar que foi estabelecido apenas um segmento da escola com o qual se pretende trabalhar, o

³ Aqui deve-se ter em mente que esta pesquisa tem como premissa que o termo *regente coral* trata do profissional que teve preparo formal para exercer esta função.

Ensino Médio. Por isso, este segundo grupo, está ligado também às demandas específicas da faixa etária de alunos de Ensino Médio.

Pode-se pensar ainda em um grupo que une elementos dos dois primeiros. Este grupo é composto pelas competências do primeiro grupo que ganham maior relevância por conta do fato de estarem inseridas em uma escola e pelas competências do segundo grupo que, da mesma forma, são se evidenciam por estarem dentro do contexto do canto coral.

Todo o desenvolvimento deste trabalho foi baseado no intuito do mesmo de responder à pergunta “Quais são as competências necessárias a um regente coral que pretende atuar dentro de uma escola?” Para chegar a uma resposta foi usada a seguinte metodologia:

1. Leitura de trabalhos anteriores sobre o assunto ou sobre assuntos relacionados.
2. Observação de ensaios de um coral de Ensino Médio regido por cada regente entrevistado.
3. Realização de entrevistas com dois regentes de coro de escola que desenvolvem trabalhos dentro dos parâmetros escolhidos.

Faz-se importante destacar que não foi estabelecido se as escolas nas quais os regentes entrevistados trabalham devessem ser públicas ou particulares, pois foi considerado que o mais importante seria que as escolas fossem voltadas para o mesmo tipo de público alvo e que oferecessem condições de trabalho semelhantes para os regentes. Houve cuidado de selecionar duas instituições que fossem semelhantes nesses aspectos, embora uma seja particular e a outra pública, mais especificamente, estadual.

A escola estadual em questão, o Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o CAp-Uerj, é uma escola pública que tem algumas particularidades. A primeira delas é, talvez, o fato de ser vinculada à uma instituição de ensino superior. Além disso, para ingressar como aluno no CAp-Uerj, é necessário passar por uma prova disputada, o que faz com que a escola tenha um nível elevado de qualidade acadêmica⁴.

⁴ Segundo o ENEM de 2010, o Cap-Uerj é o décimo primeiro colocado na lista de melhores escolas do Rio de Janeiro e a melhor escola pública do estado.

A escola particular é o Colégio São Vicente de Paulo, dirigida por padres e localizada no bairro Cosme Velho. Fundada em 1959, ocupa atualmente uma posição de destaque entre as escolas mais bem conceituadas do Rio de Janeiro. O Colégio São Vicente de Paulo destaca-se como espaço de educação libertadora, primando por bons resultados acadêmicos e por formar alunos com espírito crítico, responsabilidade e sensibilidade para as causas sociais⁵.

⁵ Informações obtidas no site oficial da escola: www.csvp.g12.br

CAPÍTULO 1. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se consiga indicar quais são as competências necessárias a um regente coral que pretende atuar dentro de uma escola, alguns termos precisam ficar claros, não só quanto aos seus significados, mas também quanto àquilo que eles representam no contexto desta pesquisa. Inicialmente, é necessário cobrir duas palavras-chave da pergunta inicial citada acima: competência e regente coral.

Apesar de o termo competência estar amplamente presente em discursos de diversos setores, especialmente do empresarial, nem sempre é fácil entender exatamente o que significa. No dicionário Aurélio, competência está definido como “(4) Qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa; capacidade, habilidade, aptidão, idoneidade.” (Ferreira, 2004, p. 508)

Segundo os professores da USP Roque Rabechini e Marly Monteiro de Carvalho (2003), o termo vem do latim *competere*, palavra originada a partir da junção de *com*, que significa conjunto e de *petere*, que quer dizer esforço.

A questão da etimologia da palavra, porém, não dá conta de esclarecer seu significado. Alguns autores escreveram sobre o assunto e é notável que um ponto em comum entre a maioria deles é a presença da palavra habilidade. Torna-se então importante entender o significado de habilidade dentro deste contexto.

Garcia (2011, p. 6) diz que “as habilidades são consideradas como algo menos amplo do que as competências. Assim, a competência estaria constituída por várias habilidades” e que “a mesma habilidade pode contribuir para competências diferentes”.

A regente Rita de Cássia Fucci Amato (2008, p. 17) complementa esta ideia ao dizer que “as habilidades seriam constituintes autônomas de determinada competência. (...) Porém, quando estão inseridas em dada competência, as habilidades passam a se inter-relacionar.”

De acordo com essa ideia, habilidade seria aquilo que de fato se sabe fazer. Cabe, então, ao interessado em dominar ou desenvolver determinada competência apreender, selecionar e relacionar as habilidades necessárias a ela.

Desta forma, pode-se “mobilizar conhecimentos afim de se enfrentar uma determinada situação” (Garcia, 2011, p. 5).

O conceito de competência, desta maneira, pode ser entendido como um “conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que justifiquem um alto desempenho” (Fleury e Fleury, 2004, p. 45). Com base neste conceito de competência, pretende-se desenvolver esta pesquisa.

Passando adiante na pequena lista de palavras-chave, vem à mente o termo *regente coral*. Neste momento, mais do que uma definição de regente coral, deve-se pensar no tipo de regente ao qual este trabalho se refere. Um determinado coro pode ser dirigido por uma pessoa que nunca tenha estudado regência e nem mesmo música, em um extremo, ou, em outro, por um doutor em regência coral. Isso depende do tipo de coro que se pretende formar, do ambiente no qual está inserido, do meio social e de diversos outros fatores.

Para esta pesquisa, porém, não haveria possibilidade de se trabalhar com os diferentes tipos de regente que se pode encontrar, portanto houve novamente a necessidade de se fazer uma restrição. Dessa forma, decisão foi por trabalhar com o regente coral que teve estudo formal para exercer tal profissão, já que essa pesquisa surgiu justamente de reflexões a respeito da formação do regente coral. Está subentendido, portanto, que o termo regente coral, pelo menos no contexto deste trabalho, representa um profissional, com formação em música, que tem conhecimento de teoria, leitura e escrita musical.

Em primeiro lugar, pode-se pensar no regente coral enquanto músico. Existem algumas habilidades que podem ser vistas como comuns a qualquer atividade musical formal, como coloca o Regente Carlos Alberto Figueiredo (2006):

É impensável, nos dias de hoje, que um regente coral não tenha uma boa formação musical básica, envolvendo solfejo, treinamento auditivo, análise musical, domínio de um instrumento e outros itens comuns a todas as atividades musicais. (Figueiredo, 2006, p. 10)

Dentre esses itens ou habilidades, o regente dá ainda maior destaque à habilidade da leitura musical:

Por leitura musical, entendo mais do que o simples solfejo, mas a capacidade de ler uma obra e entendê-la, sem a utilização de instrumentos como suporte, ou mesmo gravações. É a capacidade de leitura musical que dá total liberdade a qualquer músico. Na área do

canto coral, pela própria característica da atividade, ou seja, o uso da voz como instrumento, a busca de sons extraídos diretamente do ouvido, sem qualquer intermediação mecânica externa ao executante, a questão do domínio total da leitura deveria ser condição *sine qua non*, não só para os cantores, mas, com certeza, para o regente. (Figueiredo, 2006, p11)

Carlos Alberto Figueiredo⁶ menciona, ainda, alguns itens específicos da atividade de regente coral. Um bom conhecimento de técnica vocal, bem como uma didática desenvolvida para aplicá-la com os coralistas⁷ é um habilidade primordial para o regente coral, ainda mais se este não puder contar com a presença de um preparador vocal ou professor de técnica vocal em seus ensaios.

Outra habilidade indispensável é a técnica de regência, ou seja, a capacidade de se comunicar com o coro através de gestos. O regente destaca a importância de

Aperfeiçoar a capacidade de expressão de nossas intenções musicais através de gestos, cada vez mais precisos e universais, ou seja, que podem ser entendidos por todos, e expressivos, ou seja, carregados de intenções pessoais. Sem esquecer que a sonoridade de um coro depende muito do tipo de gestual utilizado pelo regente. (Figueiredo, 2006, p12)

Carlos Alberto Figueiredo ainda destaca ainda o conhecimento de repertório, que permite ao regente ter uma gama de obras extremamente diversificadas escritas para coro à sua disposição, e a capacidade de escrever arranjos para os seus corais. Esta última ganha maior importância quando se leva em consideração que muitas vezes existe grande dificuldade em se manter um coro com uma distribuição equilibrada de vozes por naipe. Quando o próprio regente é capaz de fazer arranjos que sejam pensados para a formação com a qual ele terá de trabalhar, o problema de equilíbrio de vozes se minimiza.

Finalmente, o regente afirma que é essencial que o regente vivencie a atividade de cantar em coro, dizendo que “não é possível ser um bom regente de coro sem ter sido um cantor de coro”.(Figueiredo, 2006, p13)

Alguns autores e estudiosos destacam bastante o papel do regente como educador. O regente Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo afirma que

O ensaio coral deve ser um momento que promova aprendizagem e não

⁶ O nome completo de Carlos Alberto Figueiredo será usado como forma de distingui-lo de Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, outro regente, também citado neste trabalho, que será chamado de Sérgio Figueiredo.

⁷ Aquele que canta em coral

só simplesmente treinamento. (...) Se houver aprendizagem, é possível que haja transferência de conteúdo aprendido para outras situações. (...) As teorias da aprendizagem podem ser uma fonte riquíssima para a prática coral. Saber quais os melhores procedimentos para promover a aprendizagem, saber motivar, reforçar, avaliar, deveria ser assunto de domínio de um bom regente coral. (Figueiredo, 1989, p. 77)

Sérgio Figueiredo justifica essa importância do domínio das teorias da aprendizagem quando expõe que:

A competência musical por si só não é garantia de êxito em atividades que envolvam aprendizagem, visto que tais situações têm sua ênfase na relação professor-aluno, é, no caso de um coral, na relação regente-coralista. (Figueiredo, 1989, p. 73)

Patricia Costa (2009) observou, em pesquisa realizada no processo de obtenção de seu título de Mestre em Educação Musical, que uma parte razoável dos regentes de coros juvenis tem a licenciatura como parte de sua formação. Para a regente, “tal dado aponta uma ligação importante entre o trabalho com adolescentes e a formação de professor, paralelamente a de regente”.(COSTA, 2009, p. 42)

José d’Assumpção, regente coral e mestre em Música e Educação pela UNIRIO, corrobora a importância de o regente ter uma postura de educador, que visa o desenvolvimento do aluno, quando afirma que

a participação pedagogicamente orientada de pessoas ditas desafinadas favorece o desenvolvimento musical e o crescimento das mesmas. Não há dúvida de que o regente é o maior responsável pela consecução de todo este processo, quando, ao buscar o resultado de maior excelência possível, vale-se de práticas educadoras no gerenciamento do grupo e das pessoas que dirige. (d’Assumpção, 2010, p. 6)

A partir dessa ideia, conclui-se que quando o regente assume seu papel de educador, isso se reflete também na qualidade dos resultados musicais.

Cabe destacar que Sérgio Figueiredo (1989, p. 73) diz que “a liderança e o carisma são necessários a um regente mas não a ponto de excluir o conhecimento de procedimentos didático pedagógicos.” Com esta afirmação, além de destacar novamente a importância das competências relacionadas ao papel de professor, Figueiredo também traz outras competências à tona: liderança e carisma.

Sobre liderança, Amato e Amato Neto⁸ afirmam que

pode ser entendida como um importante componente para o desenvolvimento de qualquer trabalho envolvido com recursos humanos, sendo essencial para o desenvolvimento das atividades de um grupo e para a obtenção dos resultados almejados. (...) a liderança pode ser entendida como um processo de gerenciamento de recursos humanos, fundamentando-se em bases de autoridade, que se estruturam na tradição, no carisma, na autoridade formal, na competência técnica e nas relações políticas. (Amato e Amato Neto, 2007, p. 8)

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa define carisma como: “

(3) Atribuição a outrem de qualidades especiais de liderança derivadas de sanção divina, mágica, diabólica, ou apenas de individualidade excepcional. (4) O conjunto dessas qualidades especiais de liderança” (Ferreira, 2004, p. 407)

Vale notar que a definição do dicionário Aurélio, quando fala em qualidades derivadas de “sanção divina, mágica, diabólica ou apenas de individualidade pessoal, sugere que carisma é algo com o qual se nasce, e não uma característica que se aprende ou desenvolve.

Chega-se assim a um entendimento mais profundo da pergunta inicial “Quais são as competências necessárias a um regente coral que pretende atuar dentro de uma escola?”. Agora resta restringir o tipo de coral de escola que foi usado nessa pesquisa.

Dentro de um universo de corais de escola existe uma gama de possibilidades e variáveis com as quais se pode trabalhar e cada uma delas tem suas competências específicas. Dentre essas variáveis estão a localização da escola, o público alvo, a forma como o coral é oferecido (se é dentro ou fora da grade, obrigatório ou voluntário, dividido ou não por séries etc.) e o grau de autonomia que o regente tem para trabalhar.

Por conta do tempo de pesquisa e da extensão de uma monografia de fim de curso, torna-se inviável uma investigação mais profunda de como estas competências se articulam dependendo dessas variáveis. Deste modo, fez-se a opção de delimitar esse universo do coral de escola.

Inicialmente, já existe um fator delimitador evidente, que é o fato desses corais serem desenvolvidos na cidade do Rio de Janeiro, por ser esta também a localização da universidade a qual esta monografia será entregue. Isso já traz

⁸ João Amato Neto: Doutor em Engenharia de Produção e professor titular do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP.

algumas especificidades. Patricia Costa, regente entrevistada nesta pesquisa, afirma sobre a atividade coral no Rio de Janeiro:

em minha experiência com diversos coros juvenis em escolas particulares no Rio de Janeiro, ao longo de 16 anos de trabalho ininterrupto, foi constatado que, nos dias de hoje, grande parte dos adolescentes cariocas desconhece ou não se interessa pela prática coral. (Costa, 2009, p. 12)

Somados ao fator da localização, foram escolhidos em um primeiro momento mais três quesitos básicos que são determinantes quando se fala de um coro de escola e que, conseqüentemente, acabam por alterar o que é esperado do regente. Foram eles:

1. O coro é parte da grade de aulas obrigatórias ou uma atividade extraclasse?
2. A que seguimento se destina? Com qual faixa etária o regente vai trabalhar?
3. Qual o perfil do público alvo dessa escola/como é a escola na qual esse regente trabalha?

O primeiro quesito se faz importante na medida em que determina se os participantes do coral ingressam na atividade por vontade própria ou não. Quando o coral é parte da grade obrigatória, torna-se, de certa forma, mais uma aula que os alunos devem assistir quando vão para a escola, assim como Matemática, História e Física.

Quando, por outro lado, os alunos têm o coral como atividade opcional, passa-se a lidar apenas com aqueles que se interessam, de fato, em fazer parte do coro. A princípio, isto parece trazer somente vantagens, mas acarreta também na necessidade de o regente estar constantemente na busca de meios para atrair os alunos e para manter aqueles que se aprecem. Neste trabalho optou-se por esta segunda situação, a escolha foi por trabalhar com corais oferecidos como atividade extraclasse.

O segundo quesito também é de enorme importância, já que cada faixa etária tem suas especificidades. Trabalhar com crianças do primeiro segmento do ensino fundamental é sem dúvida diferente de trabalhar com adolescentes do ensino médio, por exemplo. Além da óbvia diferença de idade, na medida em que os alunos ficam mais velhos e passam de série na escola, maiores ficam as

demandas da própria escola. É preciso estudar mais, a carga horária costuma aumentar, assim como a quantidade de matérias e a cobrança por resultados é cada vez maior.

Por outro lado, alunos um pouco mais velhos já têm maior capacidade de concentração e autonomia. A escolha deste ponto foi baseada não só nas características de cada faixa etária, mas também nos trabalhos desenvolvidos pelos regentes que foram considerados interessantes para serem entrevistados nesse trabalho. Desta forma, a decisão foi por focar a pesquisa em corais de ensino médio.

Finalmente, o último quesito: como é a escola na qual esse regente trabalha? Essa pergunta diz respeito à qualidade da escola⁹, a que segmento social se destina e às condições que ela oferece para a realização do trabalho do regente.

Quanto à qualidade da instituição, a preferência foi por trabalhar com corais que se desenvolvessem em escolas com alto desempenho acadêmico¹⁰. Quanto ao segmento social ao qual se destina a escola, a decisão foi pela classe média¹¹, por ser este o segmento ao qual se destinam a maioria das escolas que estão nos cinquenta primeiros lugares da lista das mil melhores colocadas no ENEM e por ser também um segmento que inclui parte expressiva da população¹².

Finalmente, no que diz respeito às condições para a realização do trabalho do regente, foi considerado importante que a escola oferecesse uma sala

⁹ O parâmetro utilizado para verificar o desempenho acadêmico das escolas foi a posição na lista de melhores escolas de Ensino Médio do Brasil, baseada no desempenho das escolas no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) de 2010. Embora não seja um parâmetro que dê conta de todos os aspectos que dizem respeito à qualidade de uma instituição escolar de Ensino Médio, esse exame é reconhecido oficialmente como meio de avaliar a qualidade das escolas do segmento em questão.

¹⁰ As duas escolas estão entre as 25 melhores do estado do Rio de Janeiro, de acordo com o ENEM 2010 e entre as 75 melhores no ranking nacional.

¹¹ Segundo a Fundação Getúlio Vargas, a classe média é composta pela classe C, parcela da população com rendimento mensal familiar entre R\$1.126 e R\$4.854. Está entre as classes A e B, ou altas, com rendimento acima de R\$4.854 e as classes D e E, com rendimento familiar de até R\$1.126 e R\$705 respectivamente. A pesquisa da FGV sobre a nova classe média, coordenada por Marcelo Neri, afirma que “a classe C auferem em média a renda média da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico” (Neri, 2010) O trabalho indica ainda que há quem considere a classe B, com renda entre R\$4.854 e R\$6.329 como classe média alta. Segundo a FGV, a classe média representa atualmente cinquenta por cento da população brasileira.

¹² Segundo a FGV, a classe média representa atualmente cinquenta por cento da população brasileira.

de aula em boas condições e bem equipada, de forma a oferecer um ambiente favorável ao desenvolvimento do trabalho.

CAPÍTULO 2. ENTREVISTAS

Para a realização das entrevistas, foi escolhido um modelo de entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista, embora seja guiada por um roteiro elaborado previamente, não tem uma ordem rígida a ser seguida. O roteiro funciona apenas como uma base para o momento da entrevista, mas o entrevistador fica livre para eventuais adaptações, assim como o entrevistado também ganha mais liberdade para falar do assunto em questão. Este é um tipo de entrevista que facilita o diálogo entre entrevistador e entrevistado (Ludke e André, 1996)

Embora existam outros modelos de entrevista, este foi considerado mais adequado para essa pesquisa. Segundo as doutoras em Psicologia da Educação Menga Ludke e Marly André, a entrevista estruturada ou padronizada é um meio eficiente quando se pretende fazer um levantamento mais rápido e superficial, como uma pesquisa eleitoral ou para saber se um produto tem aceitação no mercado. É um método eficiente para quando se pretende conhecer a opinião de um grupo numeroso. Já a entrevista semiestruturada seria mais eficiente quando se pretende conhecer mais profundamente a visão do entrevistado sobre determinado assunto. Ludke e André (1996, p. 35) afirmam que “é melhor nos prepararmos para uma entrevista mais longa, mais cuidada, feita provavelmente com base em um roteiro, mas com grande flexibilidade.”

Os autores afirmam ainda que, para a pesquisa em educação atualmente, o tipo de entrevista mais adequado é aquele com menor estruturação, mais livre. Por esses motivos, foi adotado esse modelo de entrevista e foram estabelecidos alguns tópicos¹³ que compuseram o roteiro. Esses tópicos estão apresentados abaixo:

1. Há quanto tempo você trabalha como regente coral?
2. Como começou a trabalhar nesta área?

¹³ Os tópicos foram estruturados em formato de perguntas, porém isso foi apenas uma forma de organização do roteiro da entrevista. Não necessariamente todas as perguntas precisam ser feitas ao entrevistado, A idéia é que não haja semelhança com um questionário ou comum entrevista padronizada, mas que haja garantia de que esses pontos principais não sejam deixados de fora no momento da entrevista.

3. Há quanto tempo você está envolvido com o canto coral, seja como regente, cantor, preparador vocal etc.?
4. Como você se preparou para tornar-se regente de coro? (Cursos, graduação?)
5. Qual é a sua formação?
6. Quando você assume a regência de um coro, quais são os pontos que acha que devem ser trabalhados? O que você acredita que a atividade coral deve incluir? E quando essa atividade está inserida em uma escola?
7. Você se considera um educador?
8. Quais são, na sua opinião, as habilidades indispensáveis para o trabalho do regente?
9. Quais são as maiores dificuldades?
10. Você gosta de trabalhar em escola? E com alunos de Ensino Médio?
11. O que muda no seu trabalho quando está lidando com um coro de escola?
12. Existe alguma característica que você acredite que seja exclusiva de um trabalho com Ensino Médio?
13. Você precisa cumprir com exigências da direção da escola, como apresentações em eventos e comemorações?
14. A escola interfere na escolha do repertório? E os alunos?
15. Você trabalha juntamente com uma equipe (preparador vocal, acompanhador)?
16. Existe processo de seleção para participar do seu coro? E a escola, tem alguma influência para decidir se um aluno pode ou não participar?

Embora tenham sido apresentados em uma ordem e estejam inclusive numerados, não existe uma ordem pré-definida para abordar cada um na entrevista. A ideia é que eles se apresentem da maneira mais fluida o possível. Pode inclusive acontecer de o entrevistado responder a uma das perguntas (ou tópicos) sem que haja necessidade de o entrevistador explicitá-la.

A seguir, será apresentado um levantamento dos pontos mais pertinentes para essa discussão que foram apresentados pelos regentes entrevistados. Mas, primeiramente, cabe fazer uma breve apresentação desses regentes. Para tal, serão usadas algumas informações dadas pelos mesmos nas entrevistas. Vale destacar que essas entrevistas foram feitas separadamente com cada regente, em dias diferentes e em locais de escolha dos entrevistados. A transcrição das entrevistas encontra-se anexada ao final deste trabalho.

Cabe também colocar que durante o processo de transcrição, optou-se por registrar exatamente aquilo que foi falado, inclusive mantendo os coloquialismos da língua falada. Isso foi uma forma de fazer uma transcrição o mais fiel possível. Os trechos transcritos que aparecerão a partir deste momento, portanto, também terão traços da língua falada.

A primeira regente entrevistada foi Patricia Costa. Patricia Costa rege o Coral do Ensino Médio do Colégio São Vicente, além de outros grupos, como o São Vicente a Cappella, o coral Meninas Cantoras do São Vicente e o Coro Masculino do São Vicente, todos vinculados ao colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, bairro da zona sul do Rio de Janeiro.

Costa afirmou, durante a entrevista, trabalhar como regente há 18 anos, desde 1993, e cantar em coro desde 1978. Logo nos primeiros momentos de sua entrevista, ao responder como entrou na área do canto coral e da regência, disse:

Sempre amei cantar. (...) não achava que ia ser regente não. Aí, quando foi em 1990 eu entrei pra UNIRIO e, nessa época, um pouquinho antes, comecei a trabalhar com direção cênica de corais. Aí, com a direção cênica de corais, eu fui me sentindo mais líder. Não só cantora. Quando foi em 93, eu tava querendo fazer alguma coisa que juntasse tudo o que eu faço. Nunca tinha feito regência na vida. Mas, ao mesmo tempo, tinha uma vivência enorme, porque eu cantava em coro desde 1978 (...) Eu tinha uma ideia do que fazer, mas eu tava muito tímida de sair fazendo. Então eu resolvi fazer... trabalhar com coro de escola, com coro de adolescentes de ensino médio (...) Aí eu fui lá no São Vicente e lá eu comecei a reger coral. Naquele mesmo mês, ou na mesma semana, eu me matriculei nas aulas de regência do Carlos Alberto Figueiredo na Pro-Arte. Então, na verdade, a minha coisa com regência começou junto com o meu trabalho com o São Vicente.

O segundo regente entrevistado foi Marcelo Saboya. Marcelo é recém formado em Licenciatura em Música pela UNIRIO e, atualmente, rege o Coral de Ensino Médio do CAP-Uerj, colégio renomado localizado no Rio Comprido, bairro

de ligação entre a zona norte e a zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Além deste, rege também um grupo independente, o Corolário, que ensaia em uma sala cedida pela UNIRIO.

Sobre como se tornou regente e cantor de coro, Saboya conta:

Eu comecei a cantar quando tava no ensino médio, no coral de ensino médio que tinha lá no... que abriu lá no CAP (...) Em 2006 eu passei pra Uerj e entrei pro Altivoz (...) Depois eu passei pra UNIRIO, aí fiz Canto Coral, Regência, com o Carlos Alberto, não sei o que lá... Aí entrei depois no São Vicente a Cappella, No Coro de Câmera da Pro-Arte... Aí eu não parei mais. Fiz aula depois com o Carlos Alberto, o curso de regência e fiz o *masterclass* do Martin¹⁴. Fiz algumas coisas.

Saboya afirma ter sido da sua experiência como cantor que surgiu a vontade de se tornar regente. Conta também que sua primeira experiência com regência foi durante a disciplina Regência Coral, na UNIRIO. A partir dessa experiência, descobriu o gosto pela atividade, dizendo que, depois disso, “uma coisa levou à outra”.

Saboya trabalha como regente há apenas um ano. É interessante observar, porém, que, apesar dessa grande diferença de tempo de trabalho, os dois regentes destacaram pontos bastante parecidos durante as entrevistas. São justamente estes pontos que serão destacados a seguir:

2.1. Importância da técnica de regência

Logo de início, como já ficou evidenciado nos trechos acima, os dois destacam as aulas de técnica de regência com o professor Carlos Alberto Figueiredo como uma parte primordial para a preparação deles como regente. Fica evidenciada, assim, a importância que os dois entrevistados dão à técnica de regência, ou seja, à capacidade de se comunicar com o coro através de gestos corporais. Saboya fala também do curso com o regente Martin Schmidt, da Alemanha, como algo que teve um papel destacado na sua formação como regente, evidenciando mais uma vez a importância da técnica.

Costa vai além e diz que a comunicação corporal entre regente e cantor não se restringe apenas à questão da técnica:

¹⁴ Refere-se a um curso de regência coral ministrado pelo regente alemão Martin Schmidt. O curso, com duração de uma semana, foi inserido no III Festival Brasil Alemanha, em 2010.

(...) fora o padrão de regência, eu acho fundamental que o regente tenha consciência corporal. Um regente que se coloca pra um coro com uma postura de cansaço, corcunda, derrotado, ombros muito baixos, não vai conseguir afinar. Existe uma postura. Normalmente a gente vê os regentes mais colocados, como que eles tiram um brilho do coro, como eles tiram som do coro. Existe uma atitude que é reflexo, é espelhada. Então, se você tá com uma boa atitude de corpo, isso passa pra pessoa que tá na sua frente.

2.2. A experiência como cantor

Os dois destacam também a importância da experiência como cantor para que se consiga ser um bom regente. Saboya afirma:

(...) a experiência com o coro me deu bastante base pra saber trabalhar. A experiência como cantor. (...) Acho que é muito importante para qualquer regente, pra você pegar a dinâmica de ensaio, ver quais são as necessidades dos cantores e tal. (...) o que mais me preparou mesmo foram as aulas de... de Coro de Câmara¹⁵, por exemplo, da UNIRIO, que eu fiz vários semestres lá. Os ensaios do Coro de Câmara¹⁶, os ensaios da Patricia¹⁷ mesmo.

E Costa reforça a mesma ideia quando diz:

Quando eu tava cantando no Coro de Câmara¹⁸ a cinco anos atrás, o meu ensaio não era apenas um ensaio. (...) Eu ouvia e ficava assim “um... acho que ele vai falar que os tenores...” aí ele falava e eu dizia “YES!” Aí eu pensava “agora ele vai cortar e vai dizer que os baixos têm que pegar aquele pedaço”, aí ele cortava e dizia que os baixos...” e eu YES! Então, assim, eu ia premeditando o que eu achava que ele ia fazer, o que foi uma forma de eu aprender também essa condução.

Saboya ainda fala da importância do regente ser capaz de dar uma boa referência vocal para os alunos, o que reforça a necessidade de também ser, ou ter sido, um cantor: [é importante] “você saber entoar uma nota bem, pra você ter uma referência, né, boa pros alunos”

2.3. Trabalho com adolescentes

Ambos falaram da importância de saber lidar com as diferentes demandas que um grupo possa ter. Citam a importância de se analisar o público alvo daquele trabalho, identificando o que precisa e o que pode ser trabalhado. “eu

¹⁵ As aulas de Coro de Câmara são oferecidas na UNIRIO como parte da disciplina Música de Câmara e são ministradas pelo professor Carlos Alberto Figueiredo.

¹⁶ Coro de Câmara da Pro-Arte, também regido pelo Professor Carlos Alberto.

¹⁷ Refere-se aos ensaios do Coral São Vicente a Cappella, regido por Patricia Costa.

¹⁸ Ver nota número 15.

gosto de fazer um anamnese do grupo”, diz Costa. Em se tratando especificamente dos seus trabalhos com o ensino médio, os dois regentes citaram a importância de se saber lidar com as dificuldades da adolescência. Saboya conta que no seu coro de Ensino Médio “além de ter que ensinar eles a cantar, eu tenho que ensinar eles a não ter vergonha de cantar”.

Costa traz a questão da identificação dos alunos com ela, falando dos artifícios que ela usa para conquista-los:

gosto de saber que tipo de música eles gostam de ouvir, de cantar pra eu ter um ponto de partida, né, daquilo que vai ser palatável, que eu vou trazer no primeiro ensaio e eles vão se aproximar de mim e também aquilo que é novidade, que eu sei que eles não tem acesso e que posso oferecer.

2.4. Aspectos da psicologia

A importância dos aspectos psicológicos nas relações de professores com seus alunos fica bastante evidenciada quando se considera que, em um curso de licenciatura existe a matéria obrigatória de Psicologia e Educação. Essa disciplina tem objetivo, justamente, de dar ao professor um mínimo conhecimento de psicologia necessário para que exerça sua função. Tanto Saboya quanto Costa reforçam essa importância. Costa acredita conseguir trazer aspectos psicológicos para ajuda-la em suas aulas:

(...) eu sinto que eu tenho muito das questões da psicologia durante os ensaios, pra perceber o outro. Então tudo que eu estudei de psicologia na vida, na faculdade, eu sinto que eu aplico de alguma maneira nos ensaios.

Saboya fala da necessidade de trabalhar, em seu coro de ensino médio, em cima de questões psicológicas quando conta que precisa fazer com que os alunos não sintam vergonha de cantar. O regente conta que não tem esse tipo de questão com seu coro adulto, por exemplo.

Ainda dentro do universo da psicologia, Saboya fala da importância de se fazer dinâmicas de grupo, buscando identidade, para fazer, nas palavras dele, “o grupo se entender como grupo”. Boa parte do que Saboya trabalha em seus ensaios do Coral de Ensino Médio do CAP está relacionado a esta preocupação, como ele conta:

(...) exercícios de integração, exercícios de percepção (...), de se ouvir, e ouvir o outro e tentar timbrar... enfim, exercícios de timbragem também, de afinação, de tudo. Acho que é uma coisa de integrar o grupo, acho que

tudo se resume a isso, na verdade.

Costa, expondo uma ideia parecida, fala de como o coral é um ambiente favorável e confortável para o adolescente, que está, muitas vezes passando por uma fase conturbada, como afirma Lepre (2011). Costa cita sua própria experiência para exemplificar:

Quando eu cantei no coro da Pro-Arte em 1978, eu era uma pessoa mais tímida. (...) E eu fui pro ensaio e eu vi que era todo mundo da minha idade. Eu falei, meu Deus, eu tenho aí trinta e duas possibilidades de amizade (...) Então essa função social do coral na adolescência é que eu acho apaixonante, sobretudo pra pessoas que, como eu, tinham uma dificuldade de comunicação, que eu fui resolvendo ao longo do tempo. O coral viabiliza isso, porque, na pior das hipóteses, o cara tá lá pra cantar (...) Ele pode ficar quietinho no cantinho dele e o próprio grupo vai absorvendo ele.

2.5. Conteúdos musicais formais

Os dois regentes entrevistados apresentaram opiniões bastante parecidas no que diz respeito à preocupação com o ensino de teoria musical. Saboya diz não se preocupar com essa questão, mas aproveita quando surge uma oportunidade de falar de algum conteúdo. “Quando rola, rola, assim. quando eu acho necessário eu digo, mais não é minha prioridade. Minha prioridade é fazer eles cantarem e se ouvirem, perceber...” Para ele a teoria ganha importância quando vai ajudar o grupo a conseguir fazer algo que foi proposto, é usada “só como meio pra se fazer a coisa melhor, não como fim.”

Costa deixa claro que não dá aula de teoria e percepção, mas que gosta de desenvolver esses aspectos sempre que possível. “Aquele aluno que chega que nunca cantou nada, ele já recebe uma partitura.” Com isso, ele se familiariza com esse universo. A regente gosta de “falar da partitura com a nomenclatura da partitura” e, desta forma, aos poucos eles aprendem.

Ocasionalmente, Costa acha importante passar alguns conteúdos de maneira mais concreta (“Às vezes eu já senti a necessidade de parar uma aula e ensinar mesmo. Ensinar valor de nota, valor de pausa, ensinar compasso...”), mas, assim como acontece com Saboya, isso é sempre em função do repertório, para melhorar a execução.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados através das entrevistas e da pesquisa bibliográfica, foi possível chegar a um levantamento das competências necessárias a um regente de coral de Ensino Médio. Esta última sessão do trabalho pretende organizar aquilo que foi exposto anteriormente.

Tendo em mente a definição de Fleury e Fleury (2004) de que competência seria um “conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que justifiquem um alto desempenho”, serão listados agora justamente os conhecimentos, habilidades e atitudes que foram apresentados ao longo do trabalho. Paralelamente, será

3.1. A técnica de regência

Por ter sido esta um item destacado em vários momentos, vale começar pela técnica de regência. A técnica de regência é o meio de comunicação do regente com o coro durante a execução musical. É através dela que o regente expressa o andamento, a dinâmica, o fraseado, enfim, as ideias musicais. Sua importância na lista de “conhecimentos, habilidades e atitudes” importantes para qualquer regente é indiscutível.

3.2. A consciência corporal

Assim como a técnica de regência, está relacionada com a comunicação corporal entre o regente e o cantor. A própria técnica de regência necessita de uma boa consciência corporal, já que pretende justamente promover a expressão com partes do corpo, no caso, as mãos.

Além disso, foi mencionada, durante as entrevistas, a importância de se trabalhar as questões corporais dos alunos, como forma de integrá-los e também de ajudá-los se acostumar com o corpo novo que chegou para eles com a adolescência. Para que o regente possa trabalhar essas questões, torna-se indispensável não só que ele tenha consciência corporal, mas que esteja constantemente pesquisando formas de transmitir isso aos alunos.

3.3. A técnica vocal

Sendo o coral uma atividade primordialmente vocal, não poderia estar ausente nesse levantamento o conhecimento de técnica vocal. Assim como acontece com a consciência corporal, o regente tem a dupla função de ser uma referência para os alunos e de pesquisar maneiras de transmitir esse conhecimento.

No caso da técnica vocal, a necessidade dessa pesquisa constante torna-se ainda maior, dada a natureza extremamente abstrata desse campo. Marcelo Saboya inclusive citou isso como uma de suas maiores dificuldades, durante sua entrevista:

O Passo¹⁹ trabalha ritmo muito bem porque, assim, você cria um, uma referência pra pessoa (...), então a pessoa tem uma referência de percepção direta corporal e tal. Mas, assim, de canto, como é que você vai fazer uma coisa dessa? Como é que você vai criar uma referência? É muito mais abstrato! Você tem que usar outras ferramentas. Então, às vezes, eu tenho uma dificuldade, é... eu acabo passando como me foi passado, por imitação, mas que às vezes não funciona, ou então, pelo menos não tão imediatamente como eu acho que poderia funcionar alguma outra coisa. E isso eu pesquisei também, fico tentando pensar o que é que funcionaria mais (...)

O fato de ser tão difícil sistematizar formas de se transmitir conhecimentos de técnica vocal, torna ainda mais evidente a necessidade de se ter, na figura do regente, uma boa referência vocal. Como Saboya explicitou acima, a imitação, também, é uma forma de se passar conteúdos.

Além disso, ainda dentro do campo da técnica vocal, o regente deve desenvolver artifícios para lidar com as especificidades de vozes de um coro de adolescentes. A mais gritante delas é, talvez, a muda vocal. O regente precisará saber como funcionam a muda vocal masculina e a feminina, para que possa dar caminhos para os alunos passarem por essa fase com tranquilidade e para que consigam se entender bem com a nova voz. Conhecendo as características e limitações da muda vocal, o regente também passa a saber que tipo de exigência vocal pode ter em relação aos seus alunos.

Mais um ponto importante relacionado à técnica vocal é a avaliação vocal. Essa avaliação tem o objetivo primeiro de conhecer as vozes que integrarão o coro, assim como a musicalidade do grupo. Mas é através dela também que o regente tem a chance de verificar se algum dos alunos tem algum tipo de

¹⁹ Marcelo está falando do método de educação musical O Passo, criado por Lucas Ciavatta.

problema vocal que necessite de acompanhamento de um especialista. Costa falou sobre importância da avaliação vocal:

Eu tenho que fazer uma análise das vozes, por isso eu faço avaliação vocal no início do ano de todo mundo, pra saber com que vozes eu conto, pra saber que grupo é esse que eu tenho na minha frente. Em termos de coro juvenil, é muita gente mudando de voz? Quantos meninos já mudaram de voz? Quantos ainda não se acertaram na voz nova? Então, tudo isso acaba sendo medido. Não só meninos, meninas também, que tão ainda no processo, às vezes tem alguma aspereza na voz, tem que mandar pra otorrino, essas coisas (...) Na avaliação vocal, se tiver disфонia, só entra no coro depois de ir no otorrino, de ser encaminhado, se for o caso, pra fazer fono, pra eu não arriscar de piorar a voz do sujeito.

Como Costa coloca, saber fazer uma boa avaliação vocal passa inclusive por uma questão de preservar e garantir a saúde vocal dos alunos.

3.4. Convencimento

Tanto Marcelo Saboya quanto Patricia Costa falaram da constante necessidade de se convencer as pessoas de que coral é algo interessante. Para Costa, isso vem da falta de prestígio da atividade. “[O desprestígio da atividade] é basicamente a minha grande dificuldade”, ela conta. “É todos os dias viver alguma situação de convencimento, de convencer alguém de que coral é uma coisa bacana.”

Existe também a necessidade de convencer constantemente o aluno da importância da presença nos ensaios. Os dois regentes falaram, durante as entrevistas, da dificuldade com a questão da assiduidade. Nem sempre os alunos entendem que, quando resolvem participar do coral, estão assumindo um compromisso com aquele grupo e que esse compromisso precisa ser cumprido. Cabe ao regente, então convencê-los disso.

Há ainda um outro aspecto da capacidade de convencimento que está relacionada possível resistência dos alunos de acatar aquilo que está sendo proposto, seja por vergonha, por achar que não vai dar certo, por achar chato ou por qualquer outro motivo. O regente precisa mostrar que aquilo que está sendo trabalhado tem um propósito, precisa convencer o aluno de que ele, o regente, sabe o que está fazendo, ou de que não há motivo para se envergonhar. Seja

como for, o regente certamente irá se confrontar com situações em que ele precisará convencer alguém de algo.

3.5. O repertório

Nos casos dos dois regentes entrevistados, não há nenhuma imposição por parte da escola em relação à escolha de repertório. Vale destacar algo que veio à tona durante a entrevista com Patricia Costa que é a importância de se usar o bom senso na hora dessa escolha. Claro que ter ou não bom senso é algo vago e subjetivo, mas um regente atento aos valores da escola onde trabalha e ao tipo de ambiente que é uma instituição de ensino básico provavelmente conseguirá julgar se cabe ou não trabalhar determinada música dentro de determinada escola.

Fora isso, ao pensar no repertório de um coro, o regente deve estar atento àquilo que os membros de seu coro terão interesse em cantar (ainda mais quando se trata, como é o caso dos corais dos regentes entrevistados, de uma atividade opcional, o que significa que, se o aluno não gostar do coral, ele irá sair). Saboya optou, em seu coro no CAp-Uerj por escolher junto aos alunos quais seriam as músicas cantadas. Já Costa prefere ouvir as opiniões dos alunos para saber do que eles gostam e decidir ela mesma o repertório.

Seja como for, a pesquisa de repertório também deve ser constante e deve levar em consideração não só o que será bem vindo por parte da escola e dos alunos, mas também questões mais técnicas, como a possibilidade de adaptar a música para uma estética coral (caso não seja uma música escrita para coro), a exigência vocal da peça, o nível de desenvolvimento do grupo e assim por diante.

Dentro das habilidades necessárias para se montar um repertório também foi citada a capacidade de se escrever arranjos. Quando o próprio regente faz os arranjos que seu coro irá cantar, e mais ainda, quando o regente faz os arranjos especificamente para aquele coro, ele já sabe com quantas vozes conta, como é o equilíbrio de vozes entre os naipes, enfim como é o grupo que irá executar aquilo. Isso garante que o repertório seja compatível com as possibilidades do grupo e que tire proveito das suas características específicas.

3.6. Conteúdos musicais formais

Como foi já colocado anteriormente, existem itens básicos que podem ser vistos como importantes para qualquer atividade musical (Figueiredo, 2006, p. 11). Junto ao conhecimento e domínio de tais conteúdos está a capacidade de transmiti-los para os alunos da forma mais conveniente para o trabalho coral, de modo a ajudar os alunos a alcançar determinados resultados.

3.7. O regente como educador

O canto coral, como Patricia Costa expôs em sua entrevista, é um trabalho pedagógico por si só. Para ela é difícil pensar na figura do regente coral dissociada do educador. A atividade coral, que é, logicamente, dirigida pelo regente, trabalha naturalmente as noções de convivência, generosidade, coletivo, concentração e disciplina.

Como foi colocado por Marcelo Saboya, o regente assume a posição de educador quando compreende que seus cantores irão absorver conhecimentos e experiências a partir da prática coral e que o regente tem uma posição de influência em relação aos coralistas. Desta forma, o regente se torna alguém que irá contribuir para a formação de seus alunos.

Além do viés pedagógico do trabalho de um educador, há também o viés psicológico, que ganha destaque no trabalho coral, ainda mais sendo este voltado para adolescentes, na medida em que o cantor passa a ter que lidar com a exposição, com suas questões corporais e com eventuais inseguranças. Também está inserido dentro desse viés psicológico o trabalho de socialização e de convivência que se desenvolve dentro da atividade coral. O regente, ou melhor, o educador, também deve estar atento neste sentido.

3.8. Pesquisa constante e visão crítica

Este último item encerra o levantamento dos conhecimentos, habilidades e atitudes. O regente coral deve ter a preocupação de fazer uma pesquisa constante de processos e encaminhamentos, de imagens que possam ajudar na emissão e de formas novas para resolver os possíveis problemas.

Esta pesquisa deve estar acompanhada por uma visão crítica do trabalho, “observando, objetivamente, os bons e os maus resultados, acompanhados de uma análise dos processos envolvidos” (Figueiredo, 2006, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses foram os conhecimentos, habilidades e atitudes necessários ao regente de coral de escola encontrados ao longo desta pesquisa. Eles constituem um arsenal ao qual o regente coral pode recorrer. O regente coral competente, além de deter esses conhecimentos, precisa saber como inter-relacioná-los e utilizá-los da forma mais interessante. Lenise Garcia (2011, p. 5) explica que “competência não é o uso estático de regrinhas aprendidas, mas uma capacidade de lançar mão dos mais variados recursos de forma criativa e inovadora, no momento e do modo necessário.”

O regente, desta forma, deve estar atento para manter seu arsenal desenvolvido e atualizado, através de uma pesquisa constante. Os “conhecimentos, habilidades e atitudes” podem se inter-relacionar das mais variadas formas, dependendo da situação que o regente irá enfrentar.

REFERÊNCIAS

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Habilidades e competências da regência coral: um estudo exploratório. *Revista da ABEM*, nº 19, 2008

___ . Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social. *Opus – Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*, v. 15, nº 1, 2009

___ . O canto coral como prática sociocultural e educativo musical. *Opus – Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música* v. 13, nº 1. 2007

AMATO, Rita de Cássia Fucci; AMATO NETO, João. Organização do trabalho e gestão de competências: uma análise do papel do regente coral. In: XIII congresso do SIMPEP. São Paulo. Anais ... São Paulo, 2006

___ . Regência coral: organização e administração do trabalho em corais. In: XVII Congresso da ANPPOM. São Paulo. Anais ... São Paulo, 2007

ASSUNÇÃO, Eduardo Lakschevitz Xavier. Um canto comum: percebendo o coro de empresa como um mundo artístico. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Rio de Janeiro, PPGM/UNIRIO.

COSTA, Patricia Santos Soares. Coro juvenil – uma alternativa para educação musical dos adolescentes. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) – Rio de Janeiro, PPGM/UNIRIO.

D'ASSUMPÇÃO JÚNIOR, José Teixeira. O regente de coro: educador e artista. SIMPOM de 2010. Rio de Janeiro. Anais ... Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010

FIGUEIREDO, Carlos Alberto et al. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). *Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006, p. 6-49.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou

aprendizagem? *Opus* – Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, vol. 1, 1989

FINNEGAN, Ruth. *The hidden musicians: music making in an English town*. Middletown: Wesleyan, 1989, p. 2-18. Tradução: Eduardo Lakschevitz

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza. *Estratégias empresariais e formação de competências*. São Paulo: Atlas, 2000

__. Alinhando estratégias e competência. São Paulo: *Revista de Administração de Empresas FGV-RAE Eletrônica* v.44, nº 1, p. 44-57, 2004

GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Competências e habilidades: você sabe lidar com isso? Disponível em:

http://www.educacao.es.gov.br/download/roteiro1_competenciasehabilidades.pdf. Acesso em novembro de 2011

LAKSCHEVITZ, Elza et al. Entrevista. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). *Ensaios: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006, p. 50-90.

LEPRE, Rita Melissa. Adolescência e construção da identidade. Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl36.htm>. Acesso em novembro de 2011

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marly. Métodos de coletas de dados: observação, entrevista e análise documental. In: __. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*; São Paulo: Pioneira, 1998

NERI, Marcelo Côrtes (coord.). *A nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

PACHECO, Patrícia Neto. Muda Vocal – refletindo sobre a imagem vocal do adolescente. 1999. Monografia (Especialista em voz) – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica (CEFAC)

RABECHINI Júnior, Roque; CARVALHO, Marly Monteiro. Perfil das competências em equipes de projetos. São Paulo: *Revista de Administração de Empresas FGV-RAE Eletrônica* v.2, nº 1, p. 1-17, 2004

VIEIRA, Adriane; GARCIA, Fernando. Gestão do conhecimento e das competências gerenciais: um estudo de caso na indústria automobilística. São Paulo: *Revista de Administração de Empresas FGV-RAE Eletrônica* v.3, nº 1, p. 1-18, 2004

Anexos

Entrevista com Patrícia Costa, Regente do Coral do Ensino Médio do Colégio São Vicente de Paulo

Dia 10 de novembro de 2011

Há quanto tempo você trabalha como regente?

Há 18 anos

Como você entrou nessa área do canto coral?

Como regente, você quer dizer?

De maneira geral e também como regente.

Sempre amei cantar. Tenho foto minha com grupo vocal aos nove anos de idade, eu e minhas amiguinhas... E em 1978 eu entrei no coral da Pro-Arte, com Jaquinho Morelenbaum, que depois viajou e passou pro John Neschling, e ali eu já estava totalmente encantada com o canto coral, com o canto em grupo, Ne, canto coletivo. Aí fui pro garganta, cantei no coro de Câmera da Pro-Arte, morei nos Estados Unidos e cantei no coro da universidade, enfim, fiquei sempre como cantora, não achava que ia ser regente não. Aí quando foi em 1990 eu entrei pra UNIRIO e nessa época, um pouquinho antes, comecei a trabalhar com direção cênica de corais, a partir de 87, 88, mais ou menos. Aí com a direção cênica de corais eu fui me sentindo mais “líder”, né. Não só cantora. Quando foi em 93, eu tava querendo fazer alguma coisa que juntasse tudo o que eu faço. Na verdade foi uma necessidade minha de sistematizar um trabalho que eu já vinha fazendo de qualquer forma. Então assim, eu dava aula de qualquer coisa, de inglês, dei aula durante 10 anos, de violão também. Tinha uma parte de teatro muito forte em mim, porque eu tinha feito teatro, a coisa da direção cênica, e ao mesmo tempo

eu queria reger um coral, mas eu não queria trabalhar com quem já fosse fera, com quem já cantasse muito, porque eu tinha uma noção muito grande da minha dificuldade, das minhas limitações. Porque eu ainda estava começando a faculdade, tava no início, tava no, sei lá, 3º período... Nunca tinha feito regência na vida. Mas ao mesmo tempo, tinha uma vivência enorme, porque eu cantava em coro desde 1978, então eu já tinha bastante estrada, né? Conhecia muito repertório, já tinha trabalhado com vários regentes competentes. Então, assim, eu tinha uma ideia do que fazer, mas eu tava muito tímida de sair fazendo. Então eu resolvi fazer... trabalhar com coro de escola, com coro de adolescentes de ensino médio quando um dia passou uma passeata dos cara pintadas que eu olhei e vi que era do se e eu tava encantada com aquela energia deles. Ai eu fui lá no São Vicente e lá eu comecei a reger coral. Naquele mesmo mês, ou na mesma semana eu me matriculei nas aulas de regência do Carlos Alberto Figueiredo na Pro-Arte. Então, na verdade, a minha coisa com regência começou junto com o meu trabalho com o São Vicente. Isso foi em abril de 1993. E foi, assim, interessante porque, na verdade, trabalhar em escola, trabalhar com coral em escola liga tudo que eu gosto de fazer na vida. Eu gosto de dar aula, eu gosto de fazer trabalho cênico, eu gosto de ensinar a cantar, eu gosto a mixagem das vozes, eu gosto de trabalhar o coletivo. Eu tenho uma atração muito grande por trabalhos de grupo. Eu já fui professora de canto uma época e eu não gostei tanto, uns dois anos, assim. Era uma relação só minha com o aluno. Eu não achava a menor graça, eu gosto mesmo é de muita gente.

Além do curso com o Carlos Alberto que você comentou, tem algum outro tipo de preparação que você teve pra se tornar regente?

Não... na verdade a preparação é a vida, né? Assim, a vida vai te instrumentalizando. O curso do Carlos Alberto foi pra me dar os padrões de regência e, na verdade, eu era cantora dele, que é uma pessoa que eu admiro muito, né. Então eu nunca ensaiei passivamente. Durante os ensaios eu tava prestando atenção no que ele tava fazendo. E hoje em dia, já como regente de muito tempo de estrada, até quando eu... agora eu to de licença do coro da Pro-Arte, do coro de câmara, mas, quando eu tava cantando no coro de câmara a

cinco anos a traz, o meu ensaio não era apenas um ensaio. Era até uma hora muito prazerosa que eu sentava e dizia “ah! Agora eu vou cantar só a minha parte”, mas acaba sendo inconsciente, né. Eu ouvia e ficava assim “um... acho que ele vai falar que os tenores...” aí ele falava e eu dizia “YES!” Aí eu pensava “agora ele vai cortar e vai dizer que os baixos têm que pegar aquele pedaço”, aí ele cortava e dizia que os baixos...” e eu YES! Então, assim, eu ia premeditando o que eu achava que ele ia fazer, o que foi uma forma de eu aprender também essa condução. A minha estruturação de ensaio é muito parecida com a do Carlos Alberto pelos anos de convivência. Não só das aulas de regência, efetivamente, da parte de padrão, não. Mas a coisa da dinâmica do próprio ensaio vem muito da minha observação com o Carlos Alberto. É claro que eu também, eu fui “rata” de curso. Eu fiz e faço até hoje curso de tudo, né. Eu vivo... podendo, eu me meto em curso. Então, assim, por exemplo, eu fui, todo ano eu tenho ido, eles tem me chamado pra Federação de coros do Rio Grande do Sul, lá pro painel da FECORS, né. E aí tem curso de um monte de coisa e eu sou uma das professoras. Eu sou professora de coro juvenil e trabalho também com o corão. Mas eu acordava às oito da manhã todo dia pra fazer aula de técnica vocal com a Lucia Passos porque era uma oportunidade enorme pra mim, entendeu. Então eu não deixei de lado. Eu sempre fui muito estudiosa. Eu gosto de estudar, eu gosto de aprender. E acho que a gente não para. A gente tem sempre alguma coisa a aprender. Às vezes, hoje em dia, dá-se o contrário, rola um certo constrangimento quando eu me matriculo num curso, como se eu já soubesse tudo, né... E eu fico meio assim... Eu quero fazer porque eu quero aprender! Tem sempre alguma coisa a mais pra gente aprender. Então eu fiz o curso do Carlos Alberto e fiz várias outras aulas também.

E, dentro da própria faculdade, você tentou já se encaminhar pra esse lado?

Ah, sim! A faculdade, quando você faz mais velho, e eu comecei com 32 anos a faculdade, então você já faz com uma visão diferente, de que você não tem tanto tempo a perder. Eu via colegas de historia da música, por exemplo, fazendo trabalhos porque o professor mandou que fosse feito um trabalho de tantas

páginas, não sei o que. E eu, assim, história da música era história da música que tivesse a ver com coral, que tivesse a ver com alguma coisa... Eu lembro que eu fiz um trabalho que era sobre villancicos portugueses, porque nessa época eu era do Brasil Barroco e a gente cantava villancicos portugueses. Depois eu fiz um outro trabalho sobre Wagner e os poemas sinfônicos. Enfim, eu fui sempre puxando a brasa pra minha sardinha e, de certa forma, por eu ser mais velha, os próprios professores colaboraram. Eu lembro quando eu fiz ATI, arranjo e técnicas instrumentais, e o Gnattali foi muito importante pra mim nessa hora. Me ajudou pra caramba, porque ao invés de eu ficar lá fazendo simplesmente um triozinho de sopros, ele puxava a coisa pra que eu pudesse aproveitar dentro do meu trabalho de regência coral. Então foi muito importante, lá na universidade eu poder sempre direcionar pra aquilo que eu gostava de fazer na vida, ou pra aquilo que eu já estava efetivamente fazendo.

Tem mais alguma coisa em termos de formação?

Eu fiz mestrado, defendi em 2009, sobre coro juvenil, que é a minha especialização total, é a minha paixão. E agora eu to fazendo uma matéria como aluna especial do doutorado, já pra começar a sentir. Eu fiz isso no mestrado também. Antes de fazer o exame, eu fiz duas matérias como aluna especial. É legal que aí você tem uma noção do ritmo da coisa. Não é nem só o ritmo da universidade. É o seu ritmo pra se dedicar a um trabalho acadêmico. Nem sempre a gente tá no momento. Então eu to fazendo isso agora. E to amarradona, to gostando muito. E aí to fazendo uma matéria... eu quero fazer o meu doutorado em práticas interpretativas, não em educação musical. Então to fazendo uma matéria com o Justi e com a Laura Rónai, justamente seminários de práticas interpretativas.

Práticas interpretativas como regente?

Na verdade, não é como regente. Na verdade, essa parte de práticas interpretativas está entrando porque eu to querendo analisar o repertório para

coro juvenil. E isso vai entrar muito mais nas práticas interpretativas, é quase que uma musicologia, mas do que educação musical.

(fim da faixa 1- 9min39s)

Quando você assume a regência de um coro, quais são os pontos do trabalho que você pode destacar como importantes? Aquilo que um trabalho de coro não pode deixar de incluir?

Bom, primeiro tem que ter o apoio da instituição que tá me chamando pra trabalhar. Você trabalhar numa instituição que não tá te apoiando é uma coisa bastante complicada. Essa é a primeira coisa. Segundo ponto que eu analiso é o porque do coral naquela instituição. Porque quando eu percebo que é um trabalho apenas para passatempo, que não tem um olhar pedagógico, que não tem um... eu percebo que não há o valor, o valor devido, que eu dou ao canto coral na educação, então, esse tipo de trabalho eu já não pego. Fora isso tem a própria clientela, né, eu observar que clientela é essa que eu to trabalhando. Então, assim, em se tratando de coro juvenil, especificamente, eu gosto de fazer um anamnese do grupo, gosto de saber que tipo de música eles gostam de ouvir, de cantar pra eu ter um ponto de partida, né, daquilo que vai ser palatável, que eu vou trazer no primeiro ensaio e eles vão se aproximar de mim e também aquilo que é novidade, que eu sei que eles não tem acesso e que posso oferecer. Porque eu acho que é meu papel. É o papel do regente ampliar o universo musical do aluno. Então de cara é isso, né? Fora as condições de trabalho mesmo, sala, teclado etc. Em relação ao acompanhamento, se eu quero fazer um coro, eu prefiro trabalhar com um pianista acompanhador, pra que desde o início eles se acostumem com a minha regência. Eu já comecei vários trabalhos eu tocando e regendo com sobancelha. Primeiro que eu não sou exímia, eu não toco bem, então já fica meio capenga. Segundo porque eu fico com a atenção dividida entre o que eu to tocando e o que eu to escutando e do que eles tão falando, né, cantando. Então, o ideal é assim, mas eu sei que também é irreal, que a gente vai topando os trabalhos e vai conquistando o luxo, entre aspas, de ter um pianista. Então isso é uma coisa muito importante também. Eu gosto de estar o mais

possível próxima ao ritmo daquela escola, então saber o calendário no início do ano, saber qual é a época de provas (que aí eu não vou fazer nada perto dessa época de provas), de vez em quando, conseguir conversar com os coordenadores, com os orientadores pedagógicos, pra saber de casos particulares. As vezes você tem um aluno que tem alguma defasagem, ou com dificuldade de socialização... o coral é muito procurado por isso também. Então, assim, é uma forma de eu tá em contato até pra poder dar um outro parecer, porque as vezes o aluno, ele tem dificuldade de socialização na escola como um todo e chega no coral ele relaxa e se dá bem com todo mundo e, enfim, então isso varia e é legal com troca pra mim e pra escola onde eu to trabalhando. Fora isso, existe uma questão que eu acho que é o ponto de partida de qualquer coral que é o repertório, né, então tem que haver uma pesquisa de repertório. Eu tenho que fazer uma análise das vozes, por isso eu faço avaliação vocal no início do ano de todo mundo, pra saber com que vozes eu conto, pra saber que grupo é esse que eu tenho na minha frente. Em termos de coro juvenil, é muita gente mudando de voz? Quantos meninos já mudaram de voz? Quantos ainda não se acertaram na voz nova? Então, tudo isso acaba sendo medido. Não só meninos, meninas também, que tão ainda no processo, às vezes tem alguma aspereza na voz, tem que mandar pra otorrino, essas coisas... Então eu faço essa análise das vozes e a partir dessa análise das vozes, enquanto eu to fazendo a avaliação, eu também to percebendo a musicalidade do grupo. Em algumas escolas onde a música é mais forte, a musicalidade já vem fácil. Em outras escolas onde não há quase nada de educação musical, onde é uma coisa pífia, aí a gente tem que ter um trabalho com repertório mais facilitado pra ir aos pouquinhos construindo. Então é... esse é basicamente o instrumental, digamos assim. Basicamente são os itens, ou lista de itens que eu tenho que ter quando eu vou trabalhar no colégio.

E já com o trabalho sendo desenvolvido, no momento dos ensaios, já no seu papel de regente passando alguma coisa praqueles coralistas. Tem alguma coisa que você pode destacar, que você considere importante dentro de um trabalho de coral?

Olha, eu acho que o trabalho coral, ele é um trabalho pedagógico por si só. Então não tem muito jeito de você chegar no ensaio e dizer assim: eu vou fazer só música. Não tem como. Você vai trabalhar outras questões. E isso, nós estamos falando de coro juvenil, mas eu acho que em todos os ambientes, trabalhar com coro de terceira idade, de adulto, de um clube... de alguma forma, essa pratica envolve um trabalho pedagógico onde as pessoas estão aprendendo a conviver. Tao aprendendo a se relacionar numa convivência de generosidade, numa convivência de um escutar o outro, de coletivo, de a sua vontade em prol do coletivo. Então, é... eu acho que, por exemplo, no meu caso, eu me, eu sinto que eu tenho muito das questões da psicologia durante os ensaios, pra perceber o outro. Então tudo que eu estudei de psicologia na vida, na faculdade, eu sinto que eu aplico de alguma maneira nos ensaios. E tento também uma relação com outros professores, outros colegas do colégio. Que não seja uma relação tão próxima (até porque às vezes a gente não é tão valorizado no colégio, né. As pessoas veem a gente como aquela professora que faz um trabalho fácil pra caramba que é só cantar... tem muita gente que ainda pensa assim, infelizmente), mas ainda assim de estabelecer algum vínculo, de saber o que que a pessoa tá fazendo na sua aula, pra ver se tem alguma coisa que eu possa fazer que ligue a minha aula à dela. Porque eu vejo muito pelo viés do próprio aluno, entendeu? Pro aluno é muito legal se ele tá na aula de literatura analisando uma poesia de Chico Buarque de Holanda de uma música e a gente pode cantar essa música, aí fica legal porque junta as coisas. É raro a gente conseguir fazer um trabalho mais integrado, mas eu tento.

E nos ensaios existem as questões pra coro juvenil especificamente que eu acho que serve pra qualquer um, que é assim, disciplina, silêncio, que não tá na moda, né? A moda agora é todo mundo se colocar. Todo mundo tem alguma coisa muito importante a dizer, ou todo mundo faz piada, que isso também tem a ver com essa nova leva de humoristas, né, então é todo muito sagaz e todo mundo faz piada em cima da piada do outro, aí vira uma competição pra ver quem faz a piada mais legal, que é mais esperto, quem é mais ágil de raciocínio. E nessa hora o ensaio vai pras "cucuias"... Então, assim, existe ai uma questão disciplinar que ela tem que ser ensinada pra essa garotada. Existem os momentos de se colocar e de falar e existem os momentos de apenas ouvir, até porque se não ouvir não

canta. Se não ouvir não sabe que nota que tem que dar. O ensaio é pra ouvir, Carlos Alberto que fala. A gente vai pro o ensaio pra ouvir, não vai pra cantar. Cantar você canta até debaixo do chuveiro, em qualquer lugar. Mas o ensaio é pra ouvir e é pra ouvir como a sua voz funciona junto das vozes dos outros. E isso é uma coisa muito interessante, porém muito difícil nos dias de hoje. Crianças e adolescentes muito agitados, que a gente não sabe bem se tem a ver com aceleração do planeta, se tem a ver com hormônios na água, cada um dá uma teoria, né, se tem a ver com internet... e o fluxo de enxurrada de informação. O certo é que o mundo está muito agitado e coral pra acontecer, ele não pode ficar nessa pilha. Ele tem que ter uma administração dessa agitação. Não digo ficar numa calmaria, porque isso é irreal, mas tem que se administrar isso e em escola, nem sempre se consegue.

E em termos de conteúdo musical, você trabalha alguma coisa

Eu procuro falar sim. Na verdade, assim, eu não vou dar uma aula, mas durante a aula, eu podendo, eu procuro desenvolver a percepção do aluno. Então aquele aluno que chega que nunca cantou nada, ele já recebe uma partitura. E ele vai aprender que eu vou dizer aquela nota chama-se sol, aquela nota não é uma pretinha, é uma semínima. Enfim, eu vou começar aos pouquinhos a falar da partitura com a nomenclatura da partitura. Então ele aprende o que um *ritornelo*... e ele vai se gerenciando. Muitos acompanham mais a letra do que a melodia escrita, mas muitos também acabam desenvolvendo, pelo golpe de vista, devagarinho a gente chega lá. Às vezes eu já senti a necessidade de parar uma aula e ensinar mesmo. Ensinar valor de nota, valor de pausa, ensinar compasso... pra depois o cara seguir sozinho, fazer aula em algum outro lugar. E fora isso existe também alguns dados que eu costumo dar da música que eu to fazendo, né, então os dados do autor da música, do arranjador, da época da música, do estilo... eu podendo eu também informo. Porque é uma forma de ampliar os horizontes daquela pessoa.

Você considera que o regente de coro seja um educador?

Ah! Não tenho a menor dúvida. Não tenho a menor dúvida. É não precisa ser na escola. Na minha dissertação eu falo disso, inclusive. Eu chamo de regente-educador. Eu não consigo imaginar muito essa diferença. É claro que devem existir aqueles grupos comerciais, um coro que se junta pra fazer um projeto, com eu já tive uma pesquisa de regente com um coro de musical. Então aquele coro foi formado pra fazer um musical. Mas sendo o coro uma atividade que tem a didática entranhada no meio dela, eu não consigo ver o regente que não seja o educador. E no meu caso isso é muito forte, porque eu gosto de trabalhar com adolescente e os lugares que eu trabalho são escolas, então tudo que é da educação me interessa diretamente.

Na sua opinião, tem alguma habilidade que seja muito importante do regente desenvolver (alguma ou mais) ou pra ser regente ou ao longo da vida como regente?

Que não seja padrão de regência?

Pode ser também.

Padrão de regência eu acho fundamental. Acho fundamental. Me impressionou muito uma vez que eu vi um coro cantando e... não, eu levei um coro meu pra um encontro de corais e a pessoa que tava ciceroneando na verdade ela nem era regente, ela era pianista e foi chamada às pressas pra fazer um coro em dois meses pra ciceronear essas pessoas. Foi fora do rio de janeiro. E obviamente ela não tinha nada de regência, ela não tinha nenhuma técnica de regência. Então ela tentava dar as entradas e manter o andamento, mas intuitivamente. Aí uma aluninha minha falou assim: fica difícil canta, professora, porque ela rege em oito. Aí eu falei como assim rege em oito? Aí ela me mostrou por que ela, no padrão de um, dois, três, quatro, ela desenhava um oito deitado, entende? Então a minha aluna simplesmente não sabia onde estava o um. É interessante isso. Ontem mesmo eu tive essa situação. Eu tava num encontro de corais com um coro infantil e eu tenho uma aluninha bem pequenininha. Ela deve ter agora sete anos, né. Ela é bem pequenininha, um “cotoco”. E ela tava muito

agitada na plateia e eu pra chamar atenção dela pra ela não fica conversando com a outra menina que também era muito pequenininha eu falei assim, ó presta atenção ali, ó, esse coro é diferente. Era um coro que cantava com *playback*, né. Aí eu ficava assim, qual será a diferença desse coro pro nosso? Tem alguma coisa diferente nesse coro. Que que é? Aí ela ficou olhando e, como era *playback* e tinha uma entrada, o regente, naturalmente, não ia reger nada, então ele ficou parado, né. Aí ela olhou e falou assim, o tio não tá regendo! (risos) Então assim, uma menina de seis, sete anos que já entendeu que naquele coro, o tio não regia.

E eu acho que, fora o padrão de regência, eu acho fundamental que o regente tenha consciência corporal. Um regente que se coloca pra um coro com uma postura de cansaço, corcunda, derrotado, ombros muito baixos, não vai conseguir afinar. Existe uma postura. Normalmente a gente vê os regentes mais colocados, como que eles tiram um brilho do coro, como eles tiram som do coro. Existe uma atitude que é reflexo, é espelhada. Então, se você tá com uma boa atitude de corpo, isso passa pra pessoa que tá na sua frente. E eu acho que nesse aspecto é fundamental a conscientização corporal. Fora isso, no meu trabalho com adolescente, o adolescente tá chegando agora pra um corpo novo, que se modificou ou que está se modificando. Então tem muitas travas e muitos nós. Eu gosto muito de trabalhar a parte corporal com adolescente porque durante o processo coral, com a música, fazer uma coreografia, fazer uma movimentação, fazer uma coisa diferente com ele é tá dando a chance dele se entender com ele corpo novo, que cresceu, que engordou que se modificou.

Hoje em dia, com internet, todos os alunos são bilíngues, pelo menos nas escolas que eu trabalho. E, no caso, me facilita saber inglês e saber pronunciar. Muito embora, quando a gente canta em uma outra língua que eu não domino eu sempre procuro ter alguém que me oriente pra que não saia uma coisa macarrônica pra plateia. Vai que tem alguém que entenda... um suarrile da vida. Então, assim, eu acho que tem uma coisa de pesquisa mesmo que o regente tem que ter e isso é constante. Essa pesquisa, a parte da pesquisa de repertório, ela se ramifica.

Quais são as maiores dificuldades que você encontra?

No trabalho coral? O desprestígio da atividade. É basicamente a minha grande dificuldade. É todos os dias viver alguma situação de convencimento, de convencer alguém de que coral é uma coisa bacana. Isso me cansa muito.

Alunos ou colegas?

Alunos, colegas, direções etc. Isso me cansa muito e é todo dia eu vivo alguma experiência nesse sentido, seja um aluno que falta o coral pra estudar pra uma prova, porque, se tá faltando o coral pra estudar pra uma prova, tá se desorganizando, e, obviamente, a prova é importante, e tudo mais, aí ele vai e sacrifica o coral. Então, não hora que ele entender que aquele compromisso com o coro é importante, ele vai dar um jeito de se organizar e não estudar pra prova na hora do coral. Então isso é a coisa que eu mais vivo no cotidiano. Colegas que não entendem se a gente não quer abrir mão de ensaiar naquele dia porque, “ah! Mas é que a gente precisaria da sala”, mas existe aí um contrato...e basicamente isso, porque assim, eu tenho a sorte de trabalhar em lugares que eu to conseguindo fazer o meu trabalho. To conseguindo o respaldo necessário. Mas não é simples, não é fácil. E lidar também com as dificuldades urbanas. A gente tá cada dia mais com pouco tempo. Então na o dá tempo de chegar, as pessoas chegam atrasadas...

Quando você trabalha dentro de uma escola, existe alguma coisa que muda no seu trabalho em relação a um trabalho fora de um escola?

É... não. Não, to aqui pensando né, por exemplo, quando eu dou um curso, quando eu vou reger um coro de um outro lugar que não é uma escola, um coro de um festival, por exemplo. Meu ensaio é praticamente o mesmo. A dinâmica é igual e o que vai mudando é na minha atitude perante àquela faixa etária, ou aquela faixa de interesse. Então eu, na verdade, assim, eu digo que eu tenho as minhas cotas de paciência. Minha paciência com criança é diferente da paciência com adolescente, é diferente da minha paciência com adulto e é diferente da minha paciência com terceira idade. Então eu só vario mais nessa paciência pra poder cobrar ou não cobrar determinadas coisas mas o ensaio é praticamente o

mesmo e eu me valho das mesmas coisas. O que eu faço na escola eu faço em outros lugares também. Talvez na escola eu fique um pouco mais atenta a essa questão de momento, o momento daquele grupo. Em festival você não tem que pensar nisso. Um momento em que todo mundo tá envolvido com o... ENEM. Não tem. Enfim, mas normalmente... Ou é o momento em que tá todo mundo focado numa comemoração da própria escola. Tem que tá ligada nisso. Mas não vejo muita diferença não.

E quando se trata especificamente de alunos de ensino médio? É só essa questão da faixa etária?

Eu acho assim: o aluno de ensino médio, ele não tem mais a dispersão da criança. Ele tem outras dispersões, mas não mais a da criança. Então é um aluno que, por estar num ambiente escolar, ele já é uma esponja. Ele tá aí absorvendo conteúdo o dia inteiro, ele tá no exercício de aprender. Eu vejo eu mesma, agora, aos 53 anos, que to fazendo aulas de coisas variadas, de francês, de piano, a minha dificuldade de absorção hoje. E o aluno adolescente, ele tá aprendendo, aprendendo, aprendendo, aprendendo... então ele é uma esponja, ele suga tudo. Fica mais fácil de trabalhar com ele. Eu posso dar muito mais música pra ele aprender, eu posso trabalhar muito mais algumas coisas difíceis, ou falar de algumas determinadas questões da música que a gente tiver adotando que ele vai absorver aquilo mas rápido do que um adulto, né. Num coro de festival, por exemplo, às vezes a gente não tem essa chance de um trabalho mais mergulhado pro pedagógico. Até porque, no colégio, às vezes você é respaldado pelo próprio plano pedagógico do colégio, coisa que lá fora não é, lá fora não tem. Na verdade, assim, eu trabalho como coordenadora desses corais das escola onde eu trabalho. Porque não existe uma coordenação, não existe um conteúdo estabelecido pelo MEC, não existe uma diretriz. Isso aí vai depender de mim. Pode ser um sucesso, mais pode ser um retumbante fracasso. Então eu é que tenho que organizar, coordenar, pensar que repertório vou usar, que tema que vou adotar, de que jeito vou fazer aquele grupo, quantas apresentações por ano vou fazer. Isso tudo tem que ser pensado num ambiente escolar, em conjunto com as coordenações. E lá fora não tem isso.

Essa pergunta pode ser um pouco parecida com a última, mas tem alguma característica do coro de Ensino Médio que você acha que seja muito própria dele?

Paixão. Por parte dos coralistas. Eu vejo assim: a criança, ela tá ainda se descobrindo e tem essas dispersões da própria imaturidade da criança. O adulto tem muita conta pra pagar, muita coisa pra fazer, ele já tem muitas couraças, muitos medos, muitas travações. O adolescente, ele chega com a emoção à flor da pele, ele chega louco pra ter um canal pra extravasar tudo aquilo que ele sente, que ele pensa, que ele nem sabe ainda que sente, que ele não conseguiu nem decodificar e organizar no pensamento dele. Então ele se apaixona. Então é um sujeito que vai prestar muito mais atenção ao trabalho, à atividade, do que uma criança, que tem suas dispersões, é com muito mais dedicação do que um adulto, haja vista as montagens que a gente faz lá no São Vicente, que, assim, eles se dedicam de corpo e alma e ensaiam tudo e querem mais e vão correr atrás de figurino. Então tem aí uma paixão. E a descoberta, que é linda, quando você consegue fazer o adolescente descobrir o trabalho coletivo dessa forma. Tem uma outra coisa que eu acho que é muito importante no coro juvenil, que foi uma sensação que eu mesma tive quando cantei num coro juvenil. Quando eu cantei no coro da Pro-Arte em 1978, eu era uma pessoa mais tímida. Não exatamente tímida, mas é, eu ficava um pouco intimidada ainda com as coisas. E eu fui pro ensaio e eu vi que era todo mundo da minha idade. Eu falei, meu Deus, eu tenho aí trinta e duas possibilidades de amizade (era mais ou menos isso) sem precisar passar batom, sem precisar ir a uma festa. É só eu estar nesse ambiente que eu vou trocando com essas pessoas. Então essa função social do coral na adolescência é que eu acho apaixonante, sobretudo pra pessoas que, como eu, tinham uma dificuldade de comunicação, que eu fui resolvendo ao longo do tempo. Mas muitos adolescentes entram nessa fase, que é uma fase conturbada, e entram numa grande travação. Então o coral viabiliza isso, porque, na pior das hipóteses, o cara tá lá pra cantar. Ele não se coloca, melhor dizendo, ele não precisa se colocar num grupo de pessoas da idade dele de uma forma tão contundente. Ele pode ficar quietinho no cantinho dele e o próprio grupo vai

absorvendo ele. Então acho que essa função social do coral na escola é muito bacana. Sem contar que numa escola, por exemplo, você pode ter uma configuração do coro que junte séries que normalmente se separam. Então tem aquele aluno do segundo ano que só anda com o pessoal do segundo ano, ou pior, só anda com a turma dele. Se for da turma do segundo ano do lado ele já não anda mais. E no coral, no São Vicente, por exemplo, é do nono ano ao vestibular. Então você tem alunos de terceiro ano lidando com um cara que acabou de chegar no nono ano. Então isso mistura e mistura, como eu vejo, de uma forma benéfica, porque eu acho que, no mundo, tá faltando um pouco desse amor, sabe. Tá faltando um pouco das pessoas partilharem seus conhecimentos sem ficar se sentindo o máximo porque tem mais conhecimento do que o outro. E o coral faz muito isso. O bom coralista, o cara é muito bom, se ele não souber partilhar aquilo que ele sabe, ele não é um bom coralista. É melhor aquele que não sabe tanto e rala pra chegar. Então essa coisa dessa partilha que acho que falta no mundo é uma coisa muito importante e se isso é ensinado na adolescência eu acho que pode mudar a visão de mundo daquele sujeito

Agora, falando mais especificamente do coral do Ensino Médio do São Vicente, existe algum tipo de exigência da escola que você precisa cumprir a respeito de apresentação, repertório, datas?

Não, no São Vicente eu não tenho nenhuma exigência, eu tenho pedidos. Então os padres pedem pra eu reger missas. E eu procuro negociar pra que a gente não faça uma missa atrás da outra porque senão a gente não consegue nem ensaiar as outras coisas que a gente quer ensaiar. Eu acho que hoje os padres entendem que a função do meu coral lá não é cantar em missa, embora seja uma escola católica. A função do coral, ela é pedagógica. Agora, dentro dessas coisas todas da parte pedagógica existe essa situação de se agradecer o espaço, de se fazer um favor, essa gentileza, uma troca de gentilezas. O Colégio São Vicente é um colégio que dá um super espaço pra o coral acontecer tanto é que to lá há dezoito anos e temos quatro orais juvenis, dois coros adultos, é uma profusão.

Fora os ex-SVACs²⁰ que tão sempre voltando. Mas então é uma forma da gente também reconhecer que é bacana, né, que tenha esse espaço legal lá. E eu então, normalmente, eu faço três missas com eles. Porque inclusive são missas que os alunos já antaram, ou vários já cantaram. É mais fácil que pegar uma coisa nova. Então eu tenho me concentrado nessas três missas, que é uma no início do ano, uma no meio e uma no final. E com isso a gente consegue atender ao pedido dos padres. É muito legal ver, assim, o pessoal que vai pra missa, que vai rezar, o quanto que é inspirador o coral cantando. E ao mesmo tempo tem... não tem exigência e tem uma expectativa muito grande do que que a gente vai fazer, do que que a gente vai aprontar naquele ano. Uma coisa muito bacana que já tá acontecido há muitos anos é que eu monto um espetáculo em novembro, outubro/novembro, no final do ano, e no ano seguinte, em março, a escola pede pra gente remontar esse espetáculo e o primeiro dia é pra os pais novos, pras famílias novas. Todo ano a gente faz isso. Claro que é aberto pra convidar outras pessoas também, mas o primeiro convite é feito pras famílias novas. E isso me honra pra caramba, porque, sabe, é um cartão de visita que o colégio tá usando, tá mostrando assim, o colégio propõe essas coisas, essa montagens e tudo. Então tem sido um grande quebra-gelo e ao mesmo tempo pra mim é excelente porque no início do ano eu tenho muita gente nova entrando no coral. E aí eles são rebocados por um grupo que já fez a experiência em novembro, então eles vão só relembrar e passar poros outros. Não é uma coisa que a gente tem um negócio todo novo pra fazer outra vez. Então tem funcionado super bem. Eu sou muito feliz no São Vicente, é um colégio que me dá muita condição de trabalho.

Quanto à escolha de repertório, ela passa por alguém além de você? Passa pela direção, ou por professores, ou alunos? Você considera o que que o pessoal quer cantar?

Bom, não tem nenhuma influencia da direção do colégio ou de coordenação. Jamais vieram me pedir pra não fazer determinada música ou fazer determinada música. Isso foi sempre uma coisa de muita autonomia. A gente, por

²⁰ Ex-coralistas do coral Sao Vicente a Cappella, o qual frequentemente é chamado pelos alunos e equipe dos corais do Colégio São Vicente pela sigla SVAC.

exemplo, no ano passado montou o show da África em uma escola católica que começava com um canto de candomblé, né, que era um canto de Oxalá. Então assim, nunca tive esse tipo de problema no São Vicente, desde o início, quando eu entrei lá. Muito embora, em dezoito anos, é lógico que eu perceba diferenças nas diretrizes do colégio vindo da própria província. A gente percebe quando tem uma coisa um pouco mais aberta, uma época que a diretrix tá um pouco mais fechada... assim como a gente percebe na igreja católica, nos papas e tudo mais. Mas nunca houve, efetivamente, uma situação dessas, muito embora eu use também o meu bom senso. Os vicentinos são muito abertos, então tem uma coisa que me acolhe ali. Agora, em relação aos alunos, eu sempre pergunto o que os alunos querem cantar, mas raramente eu dou alguma coisa que eles querem cantar. Isso eu fui percebendo no decorrer dos anos. Eu sempre pergunto que música eles gostariam... Uma vez ou outra tem uma bola dentro, mas eu tenho que pensar que quem estudou pra dar o repertório fui eu. Tem coisas que eles pedem que absolutamente não vão funcionar com coro. Vão funcionar em voz e violão. Ou uma coisa que eles pedem que é um Faroeste Caboclo²¹, uma letra imensa que eles não vão decorar. Ou uma música que tem uma dificuldade imensa de intervalo e aquele grupo não pode fazer aquilo. Então eu procuro ouvir sim, o que o grupo gosta, mas a palavra final é minha. Até porque quem faz os arranjos sou eu. Então, quando eu faço um arranjo, eu faço pra aquele grupo. Eu me inspiro naquele grupo. Eu vou pensando nas vozes, vou vendo as carinhas deles cantando aquilo... engraçado porque os arranjos acabam funcionando. Eu tenho arranjo espalhado pelo Brasil inteiro, né, mas é interessante ver isso, porque eu não fiz um arranjo para coro, eu fiz um arranjo pra o meu coro e que funciona para outros coros também.

Você trabalha com uma equipe?

Eu trabalho, ainda bem! No caso do especificamente do coral do Ensino Médio trabalho eu e o Danilo Frederico, que o meu pianista acompanhador, e já estamos juntos há tanto tempo, que já trabalhamos por telepatia. Ele sabe o que

²¹ Música de Renato Russo, compositor e cantor da banda Legião Urbana, que é famosa por tem uma letra muito extensa.

eu quero quando eu pego um determinado trecho, eu olho pra ele e ele já entendeu o que é pra fazer, e cola na minha, ele sabe quando o teclado tá alto demais pro grupo ou vice-versa. Enfim, é uma pessoa que realmente adianta muito o meu trabalho. Eu procuro fazer com que ele esteja sempre trabalhando comigo, porque são parcerias que a gente vai fazendo, né, então ele tem sido meu braço direito. E a Malu Cooper que faz a preparação vocal apenas do São Vicente a Cappella, não trabalha com os outros grupos. Mas que também, mais do que preparação vocal, ela é minha assistente. Eu troco muita figurinha com a Malu. Eu pergunto coisas que aparentemente não tem nada a ver com preparação vocal, mas que tem a ver com a dinâmica do trabalho em si, seja uma música num roteiro, uma ordem num roteiro, até de figurino eu já me peguei perguntando coisas pra ela. Porque eu gosto do trabalho em equipe. Eu não gosto de fazer as coisas sozinha. Eu acho legal trocar figurinha, pedir opinião. Eu não sou dona da verdade, tem tanta gente que sabe um monte de coisa...

Pra terminar, existe algum tipo de processo de seleção que você usa ou alguma influencia da escola pra decidir se um aluno pode ou não entrar no coro?

Não, na verdade, pode entrar no coro qualquer aluno que queira cantar. Isso é ponto de partida. Na avaliação vocal, se tiver disфонia, só entra no coro depois de ir no otorrino, de ser encaminhado, se for o caso, pra fazer fono, pra eu não arriscar de piorar a voz do sujeito. No coro do ensino médio entram os afinado e desafinados, com a voz sedimentado e com a voz em muda vocal, agitado e calmos, musicais, não musicais, quem toca algum instrumento, quem não toca nada e nunca viu uma partitura. Então entra qualquer um. Por parte da escola, o que acontece é que eu tenho que pegar nono ano também, porque se não o nono ano não tem coro pra cantar porque mudou o turno de aula... já aconteceu das coordenações me procurarem. A coordenação me procura e diz, olha, eu to com um aluno aqui que tá com uma dificuldade social na escola e seria interessante ele entrar no coral. Você pode abarcar? Abarco!

**Entrevista com Marcelo Saboya,
Regente do Coral do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Uerj**

Dia 12 de novembro de 2011

Há quanto tempo você trabalha como regente coral?

Eu trabalho como regente coral... há um ano

E como que você entrou nessa área, não só como regente, mas na área do canto coral, em geral?

Eu comecei a cantar quando eu tava no ensino médio, no coral... de ensino médio que tinha lá no... que abriu lá no CAp, que era o Mário, regente do Altivoz²². E depois eu fui... eu fiz em 2004, quando eu tava no segundo ano, em 2005 eu parei e em 2006 eu passei pra Uerj e entrei pro Altivoz, comecei a cantar no Altivoz. Depois eu passei pra UNIRIO, aí fiz canto coral, regência com o Carlos Alberto²³, não sei o que lá... aí entrei depois no São Vicente, no Coro de Câmera... aí eu não parei mais. Fiz aula depois com o Carlos Alberto, o curso de regência²⁴ e fiz... fiz o *masterclass* do Martin²⁵. Fiz algumas coisas

E... da sua experiência como cantor de coro você resolveu se encaminhar pra regência?

Foi. Foi mais ou menos isso. Eu tive uma experiência, minha primeira experiência com regência, na UNIRIO, né, na aula, e gostei. E foi meio que... uma coisa levou à outra.

²² Coral da Uerj, regido por Mário Assef

²³ Disciplinas relacionadas ao canto coral e à regência coral oferecidas no curso de Licenciatura em Música da UNIRIO

²⁴ Curso livre de regência coral oferecido pelos Seminários de Música Pro-Arte, ministrado Por Carlos Alberto Figueiredo

²⁵ Refere-se a um curso de regência coral ministrado pelo regente alemão Martin Schmidt. O curso, com duração de uma semana, foi inserido no III Festival Brasil Alemanha, em 2010.

Você falou um pouquinho já, mais... como você se preparou pra virar regente? Quais foram os passos que você tomou?

Eu acho que o mais importante foram as aulas do Carlos Alberto. A *masterclass* que eu fiz lá com o Martin no final do ano passado foi muito legal também. Mas a experiência com coro me deu bastante base pra saber trabalhar. A experiência como cantor me fez... acho que é muito importante pra qualquer regente, pra você pegar a dinâmica de ensaio, ver quais são as necessidades dos cantores e tal. Essas coisas. Mas é mais isso: o que mais me preparou mesmo foram as aulas de... de coro de câmara, por exemplo, da UNIRIO, que eu fiz vários semestres lá. Os ensaios do Coro de Câmera²⁶, os ensaios da Patrícia mesmo. Acho que são os que mais me prepararam, assim.

Qual é a sua formação?

Eu fiz licenciatura em música na UNIRIO e o curso livre de regência coral na Pro-Arte.

Quando você assume a regência de um coro (é convidado, ou resolve montar um coro), quais são os pontos principais que você acha que devem ser trabalhados dentro de um coro? Tanto no que diz respeito a conteúdos musicais e outras coisas também, ideias de vida...

Depende muito do grupo, eu acho. A gente tem que conhecer muito qual vai ser o grupo, qual; é o público alvo pra saber o que que a gente precisa trabalhar mais ou menos, assim. Num coro você precisa trabalhar muitas coisas. Desde, sei lá, desde... por exemplo, no coro juvenil lá do CAp que eu tenho, eu além de ter que ensinar eles a cantar, eu tenho que ensinar eles a não ter vergonha de canta, sabe? Então é uma coisa psicológica, assim, que, enfim... eu não tenho esse problema com o Corolário, por exemplo. E são pessoas... o pessoal já sabe música, já tem experiência, então eu posso focar em coisas mais

²⁶ Coro de Câmera da Pro-Arte, regido por Carlos Alberto Figueiredo

refinadas, assim, né, em termos de, de música mesmo, coisas mais difíceis... mas, assim, aspectos básicos, se fosse pegar um geral, assim, eu acho que é muito importante trabalhar a dinâmica do grupo, assim, qualquer grupo, assim, é... independente da dificuldade, do nível, eu acho que tem que trabalhar a dinâmica do grupo. O grupo se entender como grupo e, enfim... Uníssonos, que representam bastante a sonoridade de um grupo, eu acho. Enfim, eu acho que é isso.

E especificamente num grupo inserido na escola? Quais são os pontos específicos que você acha que tem que ser trabalhados por ser numa escola?

Um... então, na escola, você tem que ter, acho que você tem que ter cuidado com como você passa algumas coisas, porque assim, eles não têm... não existe um acompanhamento, né, de música ainda, tão forte. Então, eu acho que tem que pegar sempre coisas básicas e lúdicas e aludir... como a Patrícia faz, coisas de imagens, e essas coisas pra você conseguir atingir o que você quer, né. E, assim, a coisa do grupo se aplica também e exercícios de integração, exercícios de percepção, que eu acho que é o mais importante, também pra qualquer grupo, mas pra pessoas que nunca cantaram, de se ouvir, e ouvir o outro e tentar timbrar... enfim, exercícios de timbragem também, de afinação, de tudo. Acho que é uma coisa de integrar o grupo, acho que tudo se resume a isso, na verdade.

E você procura, nas suas aulas, passar conteúdos musicais, falar de teoria, dos termos?

Não, não me preocupo com isso não. Quando rola, rola, assim. quando eu acho necessário eu digo, mais não é minha prioridade. Minha prioridade é fazer eles cantarem e se ouvirem, perceber... trabalhar muito mais a percepção do que uma coisa teórica tão fechada assim. Quando... é mais por consequência, assim... as vezes eles mesmos pedem, assim quando... eu lembro na primeira ou segunda aula, que eu tava conversando com eles ainda sobre o que fazer e tal e qual o repertório, eles perguntaram, ah, a gente vai aprender a ler partitura? E essas

coisas... Aí eu falei, pode ser, não é o foco, mas a gente poder desenvolver, tanto que eu fiz as partituras pra eles... e a gente... vira e mexe eu falava, ó, isso aqui é um sistema, isso é não sei o que, não sei o que... mas só como meio pra se fazer a coisa melhor, não como fim. Assim, se prender a isso, não, só pra facilitar as coisas, de certa forma.

Você considera que o regente seja um educador?

Sim! Principalmente na escola, eu acho essencial, pensar na... pensar na educação, porque mesmo nas coisas que não são foco, como há isso, eu sei que eles vão crescer com aquilo, entendeu? De alguma forma, mesmo que eles não vão usar, de repente, eles vão ter pra eles, eu acho. E é uma coisa que tem que se pensar sempre, no desenvolvimento, no que que isso vai implicar, e eu acho que na escola principalmente isso é muito importante.

Na sua opinião quais são as habilidades indispensáveis pro trabalho do regente acontecer bem? Alguma coisa que a pessoa que quer ser regente tenha que desenvolver?

Saber cantar, né, assim, acho que é o mais importante, você saber entoar uma nota bem, pra você ter uma referencia, né, boa pros alunos, porque eu acho meio bizarro alguém que não canta ser regente. Afinação, passa pela qualidade vocal também, é... Não é bem uma competência técnica, mas você precisa ter muita paciência. Porque não dá pra você achar que... uma coisa que... isso aconteceu muito comigo lá, de achar que uma coisa era super simples e não sair nunca, assim, o negócio demorar, ne... e você não pode chegar, ah, o pessoal não consegue fazer porque não consegue fazer, porque é burro... tem que ter paciência, falar, não, isso aqui é um processo. Tem que tentar entender porque que não tá acontecendo, enfim. Você tem que ter, acho que também muito importante é você ter uma coisa crítica, assim, o tempo inteiro, de análise, de você nunca tá assim, ah, não deu certo porque não deu certo. Mas tentar entender porque que não deu certo o processo daquele grupo e tentar ir por outro caminho, assim, não ficar batendo numa tecla que não vá funcionar, de

repente. Acho que é isso, o indispensável, indispensável...

E quais são as suas maiores dificuldades?

Um... assim dificuldade mais técnica, porque assim, eu por exemplo, eu sempre cantei em coro, e tal, então assim, eu sei cantar. Mas o canto tem uma coisa... não tem uma coisa, assim, um... não tem uma coisa de estudo de canto que seja muito precisa, assim, como método, entendeu. Do tipo, eu tava conversando com o Felipe²⁷, o negócio do Passo²⁸. O Passo trabalha ritmo muito bem porque, assim, você cria um, uma referencia pra pessoa e você vai saber, tipo, não tá batendo no um, então tá errado, de repente. Se fosse o errado... então a pessoa tem uma referencia de percepção direta corporal e tal. Mas, assim, de canto, como é que você vai fazer uma coisa dessa? Como é que você vai criar uma referencia? É muito mais abstrato! Você tem que usar outras ferramentas. Então, às vezes, eu tenho uma dificuldade, é... eu acabo passando como me foi passado, por imitação, mas que às vezes não funciona, ou então, pelo menos não tão imediatamente como eu acho que poderia funcionar alguma outra coisa. E isso eu pesquiso também, fico tentando pensar o que que funcionaria mais, mas eu tenho uma dificuldade de trabalhar com pessoas com muita dificuldade. Tipo assim, a pessoa não consegue entoar uma nota, aí eu tenho que inventar uma forma de ajudar ela, que seja aludindo a alguma coisa. Já fiz, tipo, tinha um menino que tinha muita dificuldade, não conseguia entoar uma nota direito. Eu dava uma nota pra ele e mesmo eu cantando ele não conseguia reproduzir. Aí eu peguei uma nota que ele tava fazendo e fui exercitando com ele ando pra frente, sobe a nota, andando pra trás, desce a nota e ele tava mais ou menos conseguindo fazer. Mas não é uma coisa muito certa, entendeu? Não é uma coisa, assim, não tem um referencial que eu possa dar pra ele, tem que trabalhar a percepção dele, na verdade. Não é aquela coisa que toda vez que você fizer, vai dar o mesmo resultado. Então, isso é uma dificuldade que eu tenho, de saber como ajudar no canto.

Mas, assim, dificuldade com o coro, assim, uma dificuldade que é meio

²⁷ Felipe Reznik, professor do método do Passo.

²⁸ Marcelo está falando do método de educação musical O Passo, criado por Lucas Ciavatta.

boba, assim, mais é de presença, cara. Porque, em todos os, nos coros que eu cantei, nos que eu to regendo agora, que eu vejo que são os mesmos problemas, assim de pontualidade, coisa assim, de você continuar, conseguir dar uma continuidade. Tive problema no tanto no Corolário esse ano quanto no coro lá do CAp. Do CAp eu já esperava, porque é dó colégio e tal, aí assim, no começo, cada semana tinha gente diferente e não sei o que. Ai eu sabia, não vai ser assim... mas, assim, é muito bizarro, no colégio... no colégio é muito complicado, porque aí o pessoal tem semana de prova, aí não tem ensaio. Ou, antes da semana de prova o pessoal não vai no ensaio porque está estudando. Aí vai ter teste naquela semana, aí metade do ensaio falta. No próximo ensaio a metade que não veio foi e a outra tá estudando, sabe, pra outro ... é complicado. A pontualidade, pra você conseguir uma continuidade legal é bem...assim, eu consegui, desde abril, trabalhar com eles cinco músicas, seis músicas, com um grupo totalmente novato. Foi uma... eu achei que foi uma vitória (risos), assim, conseguir trabalhar cinco músicas. Eu podia ter trazido o vídeo que pra você ver, que eu gravei. Eles se apresentaram.

Eu fiz um arranjo pra eles de uma música do Bruno Mars²⁹, mas eu fiz a quatro vozes. Mas eu fiz uma coisa simples e eles conseguiram fazer. Teve uma aula que eles fizeram e eu fiquei assim, caraca! Bizarro, conseguiram fazer muito bem. Mas na apresentação eles ficaram meio nervosos e correram, não sei o que lá. Deu uns problemas, mas normal. Mas foi muito legal. Mas assim, até... essa foi a primeira música que eu fiz com eles. Assim, e até conseguir que ela ficasse no ponto, por causa dessas coisas de falta, não sei o que... cara, demorou muito...

**Já que você falou um pouquinho nisso, você faz os arranjos pro coro?
Você pega arranjos prontos?**

No coro juvenil eu faço.

Todos os arranjos?

Todos. Eu fiz todos. Não é uma coisa, assim, foi uma coisa que eu pensei

²⁹ Cantor e compositor norte americano.

porque eu gosto de fazer o arranjo pro grupo que eu tenho, assim. Eu gosto de, quando eu conheço o grupo, eu falo, isso vai ser... porque, isso é uma coisa legal que eu fiz, eu acho, que eu tentei fazer, que eu pelo menos pensei, no sei se eu consegui, foi fazer uma coisa gradativa dos arranjos, pensando nessa coisa que você falou do educador, né? É... por exemplo, o primeiro arranjo que eu mandei foi esse, a quatro vozes, assim, mas eu fiz uma coisa simples, tipo assim, base e solo, basicamente, e a base bem simples e de uma música que eles já conheciam. Então pra eles seria mais tranquilo. Eles já conheciam, a harmonia já tava bem, enfim, já tava na cabeça, as linhas, assim... eu não modifiquei muito o arranjo. E aí o segundo arranjo que eu fiz, já eu já tentei colocar elementos mais de canto coral, assim, porque esse arranjo que eu fiz foi mais grupo vocal, entre aspas, uma estética que gostam mais, do Glee, essas coisas... aí, que era aquela coisa: base e a pessoa fazendo solo, ou um grupo, pelo menos fazendo o solo. E no, eu fiz um arranjo do Eu preciso dizer que te amo, do Cazuza, que tinha solo também, mais já tinha umas coisas de homofonia, todo mundo cantando junto linhas diferentes (foi "punk"), mas eles conseguiram fazer. Eu tive vários artifícios engraçados e eles acabaram conseguindo. E aí, no outro arranjo eu já tentei fazer uma coisa de pergunta e resposta entre vozes, pra eles se escutarem, entendeu? Então eu tentei fazer uma coisa que eles aprendessem uma coisa nova a cada arranjo, assim. Foi também um motivo de eu ter escolhido fazer os arranjos pra eles. E também de músicas que normalmente não tem arranjo, né? Música pop nova não tem arranjo pra coral. Aí, como eu queria fazer uma coisa que chamasse eles, que eles ficassem empolgados, eu fiz uma reunião com eles, perguntei o repertório que eles gostavam... e acabei fazendo os arranjos pra eles.

Você gosta de trabalhar na escola, com coral?

Gosto. Assim, eu tive uma experiência na escola, que foi dar aula pra ensino médio e pra coral. A vantagem pra coral é que é uma coisa fora da grade, não tinha nenhuma obrigação pra eles. Então eu consegui um grupo de dezoito pessoas, dezoito, três meninos (risos) e quinze meninas, mas assim, que tavam super empolgados sabe, caraca, muito empolgados mesmo. E no ensino médio, o pessoal... até, música é valorizado lá no CAp. O pessoal escolhe música, tem duas

turmas de música e... mais assim, é diferente, sempre diferente, né... Mas assim, gostei muito mais, apesar de, acho que, o ensino médio talvez tenha até me surpreendido mais em termos de resultado, mas eu gostei muito mais de dar aula pro coral, até porque... na verdade as duas coisas eu já tava acostumado, mas, assim, é uma coisa que eles querem, sabe? Não é uma coisa que tá sendo imposta, sabe? Eles tão lá porque eles querem, não é porque tá no, eles tem que ter aula de música e aí ficam lá... não teve nenhum dia que foi assim no coral.

Isso já foi um pouco falado, mas eu acho que de repente dá pra complementar um pouco ainda: tem alguma característica que você acha que seja característica de coral de ensino médio?

Característica? Eu não sei, assim, tem uma coisa do ensino médio, né, dessa idade, que eu acho que você, não sei se é bem uma característica, mas você tem que saber como empolgar eles, como envolver, né. Porque assim, coro infantil, assim eu não tenho muito experiência, eu já assisti algumas aulas de coro infantil, mas eu acho que tem uma coisa que criança menor, ela vai mais na onda, assim, ela entra mais no clima e vai, entendeu? Coro adulto também, tem uma coisa que eles são mais maduros e, enfim, você fala que tem que fazer e tem que fazer. Mas ensino médio, nessa idade você tem que convencer eles que o negócio é muito legal, porque se não ferrou. Na aula do ensino médio que eu dava mesmo, assim, tinha aulas que eu penava pra conseguir convencer que aquilo que a gente tava fazendo era bom. E na aula da grade, sabe. E no coral é pior ainda, porque a imagem de coral que as pessoas tem, né, Nossa Senhora! E uma coisa que ajudou lá no CAP foi que a gente não colocou o nome de coral, a gente colocou Oficina Vocal. Então, assim, apareceu muita gente. Muita gente. E, assim, eu consegui convencer, a gente fez uma estética mais coral porque tinha bastante gente, né não tinha como fazer diferente, mas que... as pessoas que não foram convencidas saíram. Eu já tive épocas que eu tinha vinte e seis, vinte e oito! Já cheguei a ter na minha lista vinte e oito pessoas e fiquei, Nossa Senhora! Mas aí no final sobraram dezoito que compraram a ideia e... então eu acho que você tem que ter, sei á, se fosse uma característica, você tem que ter, no mínimo, carisma. (risos)

Na escola do seu coral de ensino médio, no CAp, existe algum tipo de exigência que você tem que cumprir, como apresentações e horários, ou eventos da escola?

Graças a Deus não! E isso é a melhor coisa do mundo, porque se tivesse que ficar apresentando no dia das mães, dia dos pais... assim, também foi uma, eu não sei se foi também o momento que eu entrei, porque foi assim, eu entrei já depois e o grupo surgiu depois, então não era uma coisa muito conhecida, até mesmo da direção. Era uma coisa que eles sabiam que existia, mas era um grupo novo, entendeu, era uma experiência, uma oficina. Então, na verdade, tem uma exigência de se apresentar na jornada científica, na semana das apresentações de música. Isso eu acho perfeitamente normal. E mesmo que não tivesse essa exigência eu gostaria de fazer uma apresentação, pelo menos, com o grupo. Mas exigência, assim, de tipo, você vai ter que fazer, em nenhum momento. A coordenadora perguntou, Marcelo, tem como se apresentar em algum dia? Teve um dia, que foi a semana contra o *bulling*, que não teve como a gente se apresentar e que seria muito legal, porque tem muito preconceito com coral. E, assim, acabou que os alunos não podiam. Tava todo mundo falando, vamos fazer, professor, mas aí acabou que muita gente não podia e eu ia ficar com o grupo muito desfalcado e foi praticamente no começo do trabalho, sei lá, ainda não tinha um grupo fechadinho. Aí acabou que não rolou e foi tranquilo. Eu falei, não vai dar e tal... foi super tranquilo, não tive nenhum problema com isso.

E em termos de repertório, a escolha passa pela escola, a escola influencia?

Não. A escola não influenciou em nada. O que influenciou foram os alunos, porque eu abri o espaço pra eles, também. Então eu falei, vocês gostam de ouvir o que? Aí eu vi os pontos em comum, dei uma pesquisada, falei, ah, essa música aqui eu acho que vai ser legal. Peguei, fiz o arranjo e levei. Basicamente, o que eles gostaram

Isso foi com todas as músicas ou teve alguma proposta sua?

Teve, mas foi super bem aceito. A gente fez o *Hit the roll, Jack*, do Ray Charles. Ficou super maneiro. E eu nem escrevi o arranjo. A gente fez na aula! Eu dei algumas sugestões e a gente foi fazendo. Aí eles entraram no clima e tal, foi muito maneiro. Foi muito engraçado, porque a gente, nos últimos ensaio, a gente teve uma conversa sobre isso, porque eu queria pegar, simplificar aquele arranjo do Ciúme, né, que é todo homofônico, ia ser bizarro de fazer, e é bonito pra caramba... e eu queria botar pra três vozes, pra ficar um pouco mais simples. E eu sugeri, assim eu nunca chego lá e falo, vamos fazer isso agora. Eu falo, gente, vamos fazer isso? Aí eu falei, gente eu queria fazer tal coisa, vou mandar pra vocês (eu sempre, eu tenho o e-mail de todo mundo, mando, tem um grupo), aí eu mando pra eles, aí eu falei a música é O Ciúme, do Caetano Veloso e tal. Aí, não, não sei o que, não sei o que lá... aí tem uma menina que sempre discute pra caramba, que ficou, não porque é muito chata essa música, não sei o que lá... aí eu falei, cara, vocês não tem noção da oportunidade e do tipo de coisa que vocês tem aqui. Porque nenhum outro colégio deixa tão aberto assim a escolha de repertório e nenhum outro regente normalmente pede alguma opinião dos alunos sobre repertorio. Porque assim, lógico que a decisão final é sempre minha. Se eu achar que vai ser legal fazer mesmo que a maioria não esteja disposta, eu vou tentar forçar uma barra porque eu acho que vai ser legal. Teve uma música mesmo que eles, que eu fiz por coisa deles, mas tava meio dividido, que era Eu preciso dizer que te amo, do Cazuzza. E que eu forcei a barra. É uma música legal, rock antigo, anos oitenta, adiciona alguma coisa pra eles e tal. Era um arranjo, né, assim, difícil que eu tinha feito que também ia ser legal se eles fizessem legal, mas que, sabe, vamos fazer, agora vamos fazer. E isso é legal de pegar o repertório que eles concordem porque você tem esse argumento. Vocês que escolheram, agora aguenta (risos), sabe? Isso é legal! Não tem nem como falar ah não, mas eu não... não importa! A maioria quis e você tá num grupo

Ultima pergunta já! Existe algum processo de seleção pra participar do seu grupo?

Por enquanto não.

É um plano, então?

É um plano. É uma possibilidade, na verdade. Na verdade eu queria fazer um grupo mais avançado e um grupo mais iniciante. Porque se não fica muito díspar, né? Eu trabalhei um ano já com essas pessoas aí no ano que vem se esse grupo quiser continuar, eu vou fazer uma proposta pra direção de manter esse grupo como um grupo e abrir uma outra turma, mais de iniciantes. Se não fica uma coisa muito esquizofrênica. Também tem uma coisa boa de um grupo mais experiente abarcar um menos experiência, é verdade, mas isso tudo eu ainda to pensando. Mas desse grupo que existe agora não teve. Teve só um teste de voz, pra saber como é a voz deles e, assim eu tenho pessoas que não conseguem cantar direito, mas que tão indo pra frente. Mas que ainda tão, assim, do grupo, em geral estão muito aquém, mas que vão chegar lá! (risos)

E a escola influencia de alguma forma, tipo, esse aluno tirou nota vermelha então vai sair do coral, ou então esse aqui eu quero que entre porque... por um motivo qualquer.

Não. É... eu não participei ainda de nenhum concelho. Eu vou participar agora provavelmente só do último, mas eu acho que isso até é uma coisa... isso não rola não... isso rola até, é bom pra ajudar um pouco os alunos. A Ilana³⁰ é que fala muito que nos concelhos as artes é que salvam muitos alunos que seriam reprovados. Porque, assim, às vezes um cara vai muito mal em Física mas é um excelente músico e só se deu mal em Física. Matemática ele tá bem, História ele tá bem, mais ou menos em Geografia... Às vezes ele é uma peste, mas é um cara que tem um futuro aí o pessoal das artes fala, não, mas ele é bom, não reprova ele que ele pode se recuperar. Porque se for pelo departamento de Física do colégio... não tem papo.

E na verdade eu acabei pulando uma pergunta. Você trabalha com alguma equipe, tecladista, preparador vocal, ou é só você e Deus?

³⁰ Ilana Linhares: professora e coordenadora do departamento de música do Cap-Uerj.

Infelizmente sou só eu e Deus. Eu gostaria de ter. É... um preparador vocal seria legal, não acho tão necessário assim, mas seria muito legal. Eu acabo pegando essa função pra mim. Mas seria legal ter um acompanhamento, na hora do ensaio, pelo menos. Porque eu fiz músicas acompanhadas com eles também, no piano e no violão. Eu tocava e regia, tava à frente e tava tocando e... isso é bom também, construir um pouco de autonomia no grupo. O que eu tava tocando eu precisei reger, por exemplo. Eles se acharam tranquilo e tal. Então tem que ter essa capacidade de tocar o arranjo, estudar... que trabalha com equipe... tem as duas coisas. Pra mim tá sendo um crescimento muito grande, assim, é a maneira acho que mais difícil de se fazer um trabalho, assim, de você não ter nenhuma equipe. Num coro iniciante de ensino médio é a forma mais difícil de fazer. O ideal seria ter um preparador vocal e um acompanhamento, teclado, violão, o que for. Mas pra mim foi um crescimento enorme de ter que parar pra tipo, em casa mesmo, pra estudar. Como é que eu vou reger isso e tocar ao mesmo tempo, pelo menos no ensaio? Como que eu vou dar a entrada? Isso foi legal pra mim.

Só pra complementar aqui, lá no início eu perguntei como você se tornou regente, mas eu queria saber também como que você chegou ao CAP.

O CAP, assim, eu fui aluno de lá e sempre trabalhei com a Ilana, que é professora de lá, coordenadora do departamento de música. E assim, eu fui bolsista de lá antes de entrar pra UNIRIO eu fui bolsista do projeto de extensão de lá que eu participo desde o começo, quando eu estudava na Uerj, e continuei participando de alguma forma. E, assim, quando eu me formei, a Ilana acabou me convidando, porque tinha uma vaga de contrato, e ela acabou me convidando pra assumir a turma de ensino médio lá e montar um coro. Porque ela sabia que eu tava estudando regência coral e ela queria isso no colégio. Ela queria uma prática mais de coral, porque tem um regente lá, que é o Jefferson, que dá o coro infantil só. E o coro juvenil nunca vingou. Eu lembro, quando eu cantei, foi um ano só e depois não teve mais. E ela queria um professor que fosse, no mínimo contratado, porque o professor que criou o coro juvenil antes, ele era da Uerj, era

o Mário. Ele é regente convidado, ou professor convidado da Uerj, alguma coisa assim, ele tem alguma coisa que ele era de lá e foi cedido pro CAp. E ela queria alguma pessoa que fosse do CAp, que fosse especializada em coral, que trabalhasse num coral juvenil lá, pra ter essa prática, pra iniciar essa prática lá no CAp. E como ela viu que eu tava estudando muito isso ela acabou me convidando tanto pra assumir a turma quanto pra abrir o coral. Foi meio que uma... não foi bem uma condição, mas ela falou, abre o coral que vai ser legal. Aí foi isso.